



**Universidade de Brasília**

**Instituto de Psicologia**

**Departamento de Psicologia do Desenvolvimento e Escolar – PED**

**Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar – PGPDE**

**Estudo sobre a configuração subjetiva de estudantes universitários que ingressaram pelo sistema de cotas**

**Mallu Stephanie de Almeida Nunes**

BRASÍLIA – DF  
2023



**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Psicologia**  
**Departamento de Psicologia do Desenvolvimento e Escolar – PED**  
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar – PGPDE**

**Estudo sobre a configuração subjetiva de estudantes universitários que ingressaram pelo sistema de cotas**

**Mallu Stephanie de Almeida Nunes**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento Humano e Escolar do Instituto de Psicologia da UnB.

**Orientadora: Profa. Dra. Wilsa Maria Ramos**

Brasília janeiro de 2023

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**Estudo sobre a configuração subjetiva de estudantes universitários que ingressaram pelo sistema de cotas**

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maristela Rossato  
Universidade de Brasília  
**Presidente**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Regina Lúcia Sucupira Pedrosa  
Universidade de Brasília  
**Membro Interno**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Norma da Luz Ferrarini  
Universidade Federal do Paraná  
**Membro Externo**

---

Prof<sup>º</sup>. Dr. José Fernando Patiño Torres  
Universidade de Brasília  
**Suplente**

Brasília/DF, janeiro de 2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SN972e      STEPHANIE DE ALMEIDA NUNES, MALLU      Estudo sobre a configuração subjetiva de estudantes universitários que ingressaram pelo sistema de cotas / MALLU STEPHANIE DE ALMEIDA NUNES; orientador WILSA MARIA RAMOS. -- Brasília, 2023.      126 p.

        Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar) -- Universidade de Brasília, 2023.

        1. Psicologia . 2. Sistema de Cotas. 3. Desenvolvimento Humano . 4. Teoria da Subjetividade . I. MARIA RAMOS, WILSA , orient. II. Título.

**Dedico**

Aos que comigo partilham a caminhada da vida.

## Agradecimentos

A universidade é parte muito importante da minha vida, tem um tamanho dentro de mim que não se pode mensurar. Tenho muito orgulho de estar vinculada à UnB, como ex-aluna da graduação, atual psicóloga da universidade e agora concluindo o mestrado. Ao final desta etapa, posso dizer que estou muito emocionada. E quem me conhece sabe que a emoção é para mim um grande guia. Quero, portanto, inicialmente agradecer à Universidade de Brasília e tudo e todos que a compõem.

A minha família é de gente simples, vinda do interior. E eu, como a primeira pessoa a ingressar numa universidade pública e primeira também a fazer mestrado, tenho uma gratidão especial a todos os meus familiares, isso tudo a gente fez junto. Agradeço à minha querida avó Elzi, que sempre me pergunta como andam os estudos, e à vovó Tânia, que me pede para ler para ela as coisas que escrevo e escuta com uma carinha linda. Agradeço aos meus tios, que trazem à vida um colorido especial e a todos os primos e primas que fazem parte da nossa história.

Meus irmãos, Bruno, Maria Carolina, Maria Clara, Aninha, Isadora e, claro, meu querido Caio, com vocês encontro o riso e o amor, seguimos nos apoiando pela vida. Ao meu pai, que hoje é memória, sei que teria orgulho de mim. Meu padrasto, que do seu jeitinho cuida de todos nós. Agradeço à minha querida Léa, pelos cuidados e amor. E à minha mãezinha, que tanto fez para que a gente pudesse estudar, sou muito grata, dela emana a força que me faz querer voar. Agradeço, de coração, a todos vocês.

Amigos, vocês são a família que fiz pela vida. Querida Mannu, amiga desde a infância, sua energia é uma das minhas coisas preferidas nessa vida. É inteligente, divertida e nunca deixou de me apoiar. Jojo, você é luz, amor e resiliência, passamos por muitas coisas juntas e sempre crescemos mais. Dani foi meu presentinho, mora bem ao lado de minha casinha, mas mesmo se morasse há léguas daqui, é do tipo que está sempre com a gente. Mozaniel, meu amigo gêmeo, você me faz acreditar no amor e gostar sempre mais da vida. Lorena, agradeço por ser o elo de união de tantas amizades, em especial a de nossa querida Nayara e seu sorriso constante e tranquilo. Júlio, já já vamos comemorar 20 anos de amizade, agradeço por nos alegrar e ser exemplo de dedicação para mim. Ao meu querido Mario, deixo aqui meu registro de que fez

uma diferença enorme nesse processo, meu deu forças e esperança todos os dias. Obrigada demais.

Minhas companheiras de mestrado, Bruna e Ana Laura, sou muito feliz pelo apoio de cada uma, compomos um verdadeiro time. Agradeço muito por isso e desejo que nos encontremos pelos caminhos da vida. A professora Wilsa, minha orientadora, me ensinou muitas coisas, me senti em um processo de evolução e desenvolvimento incrível. Ela me fez buscar o melhor de mim nos momentos em que eu não acreditava mais. Tenho certeza de que em muitos momentos da minha vida, vou me lembrar dos seus ensinamentos e me sentir feliz. Obrigada, professora querida.

Aos incríveis professores da banca, Maristela, Regina, Norma e José Fernando, vocês não sabem a inspiração que representam. Desde o início da graduação, minha admiração e respeito pelos senhores e pela profissão a que se dedicam só aumenta. Sintam os meus sinceros agradecimentos. Agradeço muito também aos queridos alunos que participaram da pesquisa, o que aprendi com cada um foi realmente empolgante e transformador.

Aos colegas da CoEduca, da Assistência Estudantil e da Faculdade de Ceilândia pelo apoio nessa jornada. Reconheço o enorme privilégio de exercer minhas atividades profissionais como parte de um coletivo que luta pela educação, que preza pelo conhecimento, pelo desenvolvimento e pela ciência. Seguimos acreditando no seu potencial transformador.

Por fim, quero registrar a minha gratidão à criança que fui. Imaginativa, olhando o céu, perguntando das coisas, criando histórias, desenhando o futuro. A inquietação feliz que me movia, se eu fechar os olhos, ainda posso perceber aqui. Que além dessa vontade de conhecer, experimentar e amar, eu mantenha ainda a capacidade de me encantar com o simples. É onde vejo a expressão do divino.

**“Desistir... eu já pensei seriamente nisso, mas nunca me levei realmente a sério; é que tem mais chão nos meus olhos do que o cansaço nas minhas pernas, mais esperança nos meus passos do que tristeza nos meus ombros, mais estrada no meu coração do que medo na minha cabeça”**

(Cora Coralina)

## RESUMO

A Lei Federal Brasileira 12711/2012 ampliou o acesso ao ensino superior federal público a partir da reserva de vagas para os estudantes concluintes do ensino médio em escolas públicas. A pesquisa teve por objetivo compreender como a condição de estudante universitário está configurada subjetivamente para os estudantes que ingressaram pelo sistema de cotas, identificando os tensionamentos e os desafios vividos no percurso singular dos participantes. O estudo fundamenta-se na Teoria da Subjetividade e na Epistemologia Qualitativa, na perspectiva histórico-cultural. A partir da Metodologia Construtivo-Interpretativa, foi realizado um estudo de caso com dois estudantes cotistas da Universidade de Brasília. As construções interpretativas apontam elementos que caracterizam a configuração subjetiva dos estudantes, que envolve a história de vida, a trajetória estudantil, a classe social, o medo do julgamento e da rejeição social. A trama social da vida dos estudantes e as experiências em curso e as anteriores produziram tensões no sistema de valores e crenças configurado pelos estudantes, produzindo sofrimento e mal-estar, assim como a abertura de novas vias de subjetivação. Evidenciou-se que a implicação emocional e motivacional gerada pelas experiências tensionadoras e contraditórias no espaço-tempo universitário gerou recursos subjetivos, abrindo novos processos de subjetivação, transcendendo o espaço normativo e emergindo um estudante na condição de agente responsável e de sujeito ativo e participativo, com produções intelectuais próprias. Visto que os valores hegemônicos do contexto escolar, universitário e da sociedade em geral ainda são marcados por atos discriminatórios contra os estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, recomenda-se aos gestores a promoção de ações que busquem a integração social e acadêmica e potencializem as suas competências.

**Palavras-chave:** Teoria da Subjetividade. Tensionamentos. Configuração subjetiva. Sistema de cotas.

## ABSTRACT

The Brazilian Federal Law 12711/2012 expanded access to public federal higher education by reserving places for students completing high school in public schools. The research aimed to understand how the university student condition is subjectively configured for students who entered through the quota system, identifying the tensions and challenges experienced in the unique path of the participants. The study is based on the Theory of Subjectivity and Qualitative Epistemology, in the historical-cultural perspective. In methodological terms, it carried out a case study with two quota students at the University of Brasília. The findings point to elements that characterize the student's subjective configuration, which involves life history, student trajectory, social class, fear of judgment and social rejection. The social fabric of the student's lives and the current and previous experiences produced tensions in the system of values and beliefs configured by the students, producing suffering and discomfort, as well as opening new ways of subjectivation. It was evident that the emotional and motivational implications generated by the tensioning and contradictory experiences in the university space-time generated subjective resources, opening new processes of subjectivation, transcending the normative space and emerging a student as a responsible agent and an active and participative subject, with their own intellectual productions. Since the hegemonic values of the school, university and society in general are still marked by discriminatory acts against students in a situation of socioeconomic vulnerability, it is recommended that managers promote actions that seek social and academic integration and enhance their skills.

**Keywords:** Subjective experience. Tensions. Subjective configuration. Quota system.

**LISTA DE QUADROS**

*Quadro 1 – Critérios de inclusão e exclusão*

*Quadro 2 – Artigos incluídos na categoria 1*

*Quadro 3 – Artigos incluídos na categoria 2*

*Quadro 4 – Argumentos favoráveis às cotas*

*Quadro 5 – Argumentos contrários às cotas*

**LISTA DE SIGLAS**

CoEduca	Coordenação de Articulação da Comunidade Educativa
CCU	Carta à comunidade universitária
CF	Complemento de frases
COVID-19	<i>Corona Virus Disease</i> (Doença do Corona Vírus)
DC	Dinâmica Conversacional
DAC	Decanato de Assuntos Comunitários
DASU	Diretoria de Atenção à Saúde da Comunidade Universitária
DDS	Diretoria de Desenvolvimento Social
ENADE	Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
EQ	Epistemologia Qualitativa
ESCS	Escola Superior de Ciências da Saúde
FCE	Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília
IP	Instituto de Psicologia
MCI	Metodologia Construtivo-Interpretativa
PPI	Pretos, pardos e indígenas
RA - IX	Região Administrativa IX de Brasília
TS	Teoria da Subjetividade
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UnB	Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
REVISÃO DA LITERATURA .....	22
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	46
Epistemologia Qualitativa e Metodologia Construtivo-Interpretativa .....	46
Teoria da Subjetividade .....	49
OBJETIVOS .....	57
Objetivo Geral .....	57
Objetivos Específicos .....	57
METODOLOGIA .....	58
A definição do campo e a construção do cenário social .....	59
ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO E CONSTRUÇÃO DAS INFORMAÇÕES .....	64
Contextualização da pesquisa empírica .....	64
Caso Elis .....	65
Caso Fernando .....	79
Análise Integrativa .....	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	96
REFERÊNCIAS .....	101
APÊNDICES .....	109
APÊNDICE A – ACEITE INSTITUCIONAL .....	109
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	110
APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA .....	111

APÊNDICE D – FORMULÁRIO .....	112
APÊNDICE E – DINÂMICAS CONVERSACIONAIS INDIVIDUAIS .....	113
APÊNDICE F – DINÂMICA CONVERSACIONAL EM GRUPO .....	115
APÊNDICE G – COMPLEMENTO DE FRASES .....	116
APÊNDICE H – CARTA À COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA .....	119
APÊNDICE I – PARECER CONSUBSTANCIADO .....	120

## INTRODUÇÃO

Ações afirmativas são políticas que objetivam reparar os efeitos de históricas desigualdades, seja por questões de raça, gênero, classe, origem, dentre outras, em prol do atendimento ao princípio constitucional da igualdade. É dever do Estado a promoção de políticas públicas visando a concretização de benefícios reais para o povo (Ferrarini & Ruppel, 2013). A reserva de vagas nas instituições públicas de ensino faz parte de tais políticas, uma vez que o acesso à educação é fundamental para o enfrentamento ao cenário de inúmeras desigualdades no contexto brasileiro.

Embora o número de estudantes frequentando instituições de ensino superior no país tenha aumentado nas últimas décadas (Senkevics & Mello, 2019; Maia, Araújo & Oliveira, 2021), a composição da comunidade universitária continua desigual entre os diferentes grupos populacionais (Golgher, 2021). A Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) foi pioneira na implementação da política de cotas (Santos, 2010). Já a Universidade de Brasília (UnB) instituiu em 2003 o sistema de cotas para negros, com a reserva de 20% das vagas de seu vestibular<sup>1</sup>. A Universidade Federal do Paraná (UFPR), por sua vez, aprovou em 2004 um Plano de Ação para a Inclusão Racial e Social, definindo a reserva, a partir de 2005, de 20% das vagas para negros e outros 20% para estudantes oriundos de escolas públicas (Bevilaqua, 2005).

Após cerca de treze anos de tramitação no Congresso Nacional (Bevilaqua, 2005), em 2012 foi aprovada a Lei Federal nº 12.711, regulamentada pela Portaria Normativa nº 18 do Ministério da Educação, de outubro do mesmo ano. Conhecida como Lei de Cotas, a legislação propõe a ampliação do acesso ao ensino público federal a partir da determinação da reserva de 50% das vagas nas universidades e instituições federais de ensino aos estudantes: que cursaram

---

<sup>1</sup> Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), Resolução nº 38 de 18 de junho de 2003.

todo o ensino médio em escolas públicas; com renda familiar per capita igual ou inferior a um salário-mínimo e meio; e aos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas e que preencham os requisitos anteriores (Pereira, 2021). Nas palavras de Feres Júnior e Daflon (2015, p. 116):

“No caso das universidades públicas federais, a Lei 12.711/2012 estipulou um duplo critério: todas as vagas destinadas a pretos, pardos e indígenas vêm com a exigência de que eles procedam de escolas públicas e a metade delas é reservada para aqueles que possuam renda familiar per capita abaixo de um salário-mínimo e meio.”

Ressaltamos que o uso do termo negro, privilegiado neste texto, de acordo com o Estatuto da Igualdade Racial, refere-se às pessoas que se autodeclararam pretas e pardas (Lei 12.288/2010). O termo raça, por sua vez, refere-se à construção social dessa população e, de forma alguma, ao sentido biológico do termo, como já rechaçado pela ciência (Santos, Oliveira & Guizzo, 2022). Como relação aos estudantes que ingressaram pelo sistema de cotas, consideramos que utilizar o termo cotista está relacionado a um posicionamento de valorização de direitos, ressaltando a importância das cotas na democratização de oportunidades para grupos sociais historicamente excluídos do ensino superior.

As políticas públicas de democratização do acesso à universidade possibilitam a uma parcela dos estudantes de baixa renda o ingresso no ensino superior, por conseguinte, ajudam na redução de desigualdades “no que se refere aos anos e níveis de escolaridade, padrão remuneratório e tipos de ocupação profissional desses jovens, atingindo diretamente suas famílias” (Oliva, 2020, p. 16). Inclusive, de acordo com a pesquisa realizada pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), considerando o critério de raça, o número de cotistas aumentou mais de 45% entre os anos de 2005 e 2018.

A criação da Lei de Cotas está relacionada ao entendimento sobre o processo de construção das desigualdades e ao reconhecimento das diferenças entre os grupos sociais (Moura & Tamboril, 2018). A valorização do direito à diferença, sem que seja negado o direito à igualdade, é central na formulação de políticas de ação afirmativa (Santos, 2003), concepção recente na construção dos direitos humanos (Moura & Tamboril, 2018). Conforme Mello e Pedroza (2022, p. 84), é importante “vislumbrar os paradigmas que norteiam a produção de DHs enquanto ordenadores sociais, enquanto produtores de modos de vida, enquanto produção de subjetividade”.

Estudos que discorrem sobre questões diversas relacionadas à temática das cotas nas universidades públicas brasileiras são de fundamental importância para embasar a avaliação e melhoria do sistema. Moura e Tamboril (2018) destacam que o levantamento de estudos publicados nos periódicos de psicologia revela diversas possibilidades de aproximação com a temática a partir de pesquisas com o foco: na análise de discursos e representações sociais; nas relações sociais estabelecidas pelos integrantes das instituições; nas ações institucionais de promoção da inclusão social, programas de permanência, dentre outros.

Essa temática se estabelece, portanto, “como forte demanda para a produção de conhecimento e atuação profissional, bem como interpela o compromisso ético-político da profissão e de seus profissionais” (Moura & Tamboril, 2018, p. 596). Ademais, as pesquisas têm o potencial de subsidiar programas e ações voltados à permanência do estudante na universidade e à conclusão do curso.

Para além do ingresso, a garantia de meios de locomoção, o acesso à alimentação e demais condições básicas é essencial, assim como pensar as práticas educativas, promover melhorias no ambiente social da universidade e oportunidades de crescimento pessoal e profissional para os estudantes. No contexto da Universidade de Brasília (UnB) destacamos o importante trabalho desenvolvido pela Diretoria de Desenvolvimento Social (DDS), vinculada

ao Decanato de Assuntos Comunitários (DAC), no desenvolvimento de programas, projetos e ações voltados a estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Ao DAC também é integrada a Diretoria de Atenção à Saúde da Comunidade Universitária (DASU), que trabalha no desenvolvimento de ações de prevenção e promoção à saúde e acolhimento aos membros da comunidade acadêmica. Vinculada à DASU, a Coordenação de Articulação da Comunidade Educativa (CoEduca) tem como atribuições, dentre outras: a construção de espaços coletivos e o estabelecimento de parcerias para colaborar com o desenvolvimento de práticas educativas criativas; o apoio a projetos voltados a melhoria da vivência acadêmica dos estudantes; e o desenvolvimento de atividades de acolhimento e integração.

Assim, pensar o percurso de desenvolvimento do estudante ao longo da sua trajetória na universidade é parte do trabalho desenvolvido pela CoEduca/UnB, equipe a qual integro como psicóloga escolar desde o ano de 2014. Atualmente desenvolvo as minhas atividades profissionais na Faculdade de Ceilândia (FCE), campus situado na região administrativa IX (RA-IX) de Brasília. Na FCE, a CoEduca e a Assistência Estudantil, embora pertencentes a diferentes diretorias, compartilham uma única sala de trabalho. Assim, a organização espacial e a conseqüente proximidade física colaboram para a integração de seus servidores e de algumas das atividades realizadas, como a escuta e orientação a estudantes.

O trabalho na CoEduca e o contato direto com estudantes, professores e demais membros da comunidade acadêmica contribuiu para o desenho da pesquisa e desenvolvimento deste estudo. A compreensão da vivência dos estudantes que ingressaram pelo sistema de cotas pode gerar subsídios para intervenções pertinentes que potencializem as suas trajetórias acadêmica e profissional. Mayorga e Souza (2012) apontam que o começo da graduação de pessoas oriundas de escolas públicas e de condição socioeconômica baixa é marcado por muitas dificuldades e pelo sentimento de não pertencimento à universidade.

Os estudos de Moura e Tamboril (2018) corroboram estes apontamentos, destacando que estudantes provenientes de escolas públicas que ingressaram na universidade pelo sistema de cotas relatam vulnerabilidades e dificuldades, sobretudo nos primeiros semestres do curso. Segundo os autores, os estudantes consideram que as cotas apenas “os diferenciam no acesso, colocando-os numa posição mais equitativa e referem-se a tal condição como fruto de um direito, em função do processo de desigualdade vivenciado pelos grupos sociais aos quais pertencem e de forma unânime, por serem oriundos de escolas públicas.” (Moura e Tamboril, 2018, p. 599).

A partir do posicionamento de que os grupos sociais são produtores de sua experiência e não resultado do que acontece com eles (González Rey, 2012), ressaltamos a importância de considerar singularidade de como cada pessoa se posiciona no seu contexto. Assim, é significativa a busca pela compreensão das experiências subjetivas de estudantes universitários, identificando tensionamentos e desafios vividos nos seus percursos singulares.

A compreensão da dimensão simbólica e emocional como constitutiva da subjetividade confere qualidade exclusiva aos processos humanos. Conforme aponta González Rey (2012), tal processo rompe com a ideia de que o indivíduo é determinado socialmente, o que envolve uma compreensão objetiva da psique como reflexo do externo. A Teoria da Subjetividade (TS), de base cultural-histórica, ressalta a complexidade constitutiva do funcionamento psicológico, contribuindo para a superação de compreensões fragmentadas e de dicotomias como consciente e inconsciente, afetivo e cognitivo, social e individual (Mitjans Martínez e González Rey, 2020).

No desenvolvimento deste estudo, a TS constituiu-se como base teórica e epistemológica fundamental, possibilitando a interpretação de questões relacionadas à condição de estudante universitário pela perspectiva da complexidade. Esta, por sua vez, “constitui um

modelo de compreender a realidade no qual é reconhecido o caráter desordenado, contraditório, plural, recursivo, singular (...) e histórico que a caracteriza” (Mitjans Martínez, 2005, p. 1).

Tendo em vista essas questões, nos propusemos a realizar um estudo cujo objetivo central foi compreender como a condição de ser estudante universitário está configurada subjetivamente para estudantes que ingressam pelo sistema de cotas. A relevância do estudo está na compreensão das questões relacionadas ao acesso, integração e desenvolvimento destes estudantes a partir dos princípios da Epistemologia Qualitativa e da Teoria da Subjetividade.

Ademais, a compreensão das experiências dos estudantes oportuniza o desenvolvimento de ações voltadas à permanência e ao bem-estar destes, além de subsidiar as políticas de ações afirmativas e a redução de desigualdades sociais. Outrossim, o estudo poderá auxiliar o trabalho e o desenvolvimento de práticas exitosas em psicologia escolar. Tais questões configuram importante campo para atuação profissional e construção de conhecimentos em psicologia.

Mello e Pedroza (2022, p. 93) ressaltam a ampliação contínua da prática profissional em psicologia e a “interface cotidiana com diversos espaços de produção de modos de vida, violações de direitos e pautas ético-políticas”. Nesse sentido, defendemos o compromisso social da psicologia, enquanto ciência e profissão, na promoção da dignidade humana e luta por maior equidade e justiça social (Yamamoto, 2012).

A dissertação está organizada em seis seções, sendo esta primeira de introdução. A seção 2 apresenta a revisão da literatura, que aborda discussões em torno da política de cotas, com destaque aos argumentos favoráveis e contrários à sua implementação e estudos que comparam o desempenho acadêmico dos estudantes cotistas e não cotistas. A seção 3 apresenta a fundamentação teórica, dividindo-se didaticamente nas seguintes temáticas: Epistemologia Qualitativa e Metodologia Construtivo-Interpretativa; e Teoria da Subjetividade. Na seção 4 descrevemos a metodologia empregada no desenvolvimento deste estudo. Na seção 5

apresentamos a análise e construção interpretativa das informações. Por fim, a seção 6 foi dedicada às considerações finais.

## REVISÃO DA LITERATURA

A Lei Federal Brasileira 12711/2012 ampliou o acesso ao ensino superior federal público para os estudantes concluintes do ensino médio em escolas públicas. Nesse sentido, compreender a experiência social e acadêmica do aluno que ingressa na universidade por meio do sistema de cotas é indispensável para o avanço dos estudos na área. As pesquisas de revisão de literatura sobre as cotas podem subsidiar o desenvolvimento de ações de acolhimento e integração aos estudantes nas universidades, assim como embasar o desenvolvimento de novas pesquisas sobre o tema.

Desta forma, realizou-se a revisão integrativa da literatura, abordagem metodológica ampla que possibilita a combinação de informações da literatura teórica e empírica a fim de levantar um panorama consistente e permitindo, dentre outros, a definição de conceitos, a análise de evidências e de questões metodológicas (Souza, Silva & Carvalho, 2010). Foram aplicadas as cinco etapas do trabalho de revisão integrativa, quais sejam: 1) formulação do problema; 2) coleta de dados ou busca na literatura; 3) avaliação dos dados; 4) análise dos dados; 5) interpretação e apresentação dos resultados (Russel, 2005).

Optamos por fazer uma revisão de literatura mais ampliada, que representasse as problematizações em torno das cotas nas instituições públicas de ensino superior, incluindo os argumentos favoráveis e contrários à sua implementação, considerando que não encontramos pesquisas sobre o tema na perspectiva da subjetividade. Também tivemos como foco a inclusão de artigos que tratam da questão do desempenho acadêmico e dos índices de evasão de cotistas e não cotistas nas instituições públicas de ensino superior, tendo em vista que as experiências subjetivas dos estudantes cotistas são produzidas no entretencimento da subjetividade individual e da subjetividade social do espaço-tempo universitário e de outros contextos produtores de subjetividade social.

Para cumprir a revisão crítica, na primeira etapa foram levantadas as perguntas de pesquisa que dialogam com o nosso objeto de estudo da dissertação. Quais os principais aspectos da discussão sobre a política de cotas e os argumentos associados aos posicionamentos favoráveis e contrários às cotas nas instituições públicas de ensino superior? Destacando-se o argumento da suposta queda na qualidade do ensino com o ingresso de estudantes por cotas na universidade, levantamos a questão: existem diferenças significativas no desempenho acadêmico destes estudantes?

Após a formulação do problema, a segunda etapa consistiu no levantamento dos documentos a partir de buscas na base SCOPUS. A escolha desta base se justifica pelo fato de ser importante banco de dados de revistas científicas, livros, processos de congressos e publicações (<https://www.elsevier.com/pt-br/solutions/scopus>), fornecendo amplo panorama de produções de pesquisas em diversas áreas, como tecnologia, ciências sociais, artes e humanidades.

Realizamos a pesquisa exploratória inicial com os seguintes descritores e operadores booleanos: *UNIVERSITY and QUOTAS and BRAZIL*. A partir da avaliação dos resultados encontrados, com a leitura dos resumos dos artigos e observações sobre as áreas temáticas e enfoque das publicações, identificamos a necessidade refazer a pesquisa com termos mais específicos. Utilizamos então os descritores *HIGHER EDUCATION or UNIVERSITY and QUOTA or AFFIRMATIVE ACTION* e delimitamos os resultados para documentos do país/território Brasil.

O ano de publicação não foi delimitado a fim de possibilitar a abrangência histórica das produções. Os artigos resultantes da busca corresponderam ao interstício de 2006 a 2022. Quanto a área do conhecimento, utilizamos o filtro para seleção de artigos de: psicologia; ciências sociais; artes e humanidades; medicina; economia, econometria e finanças; negócios,

gestão e contabilidade; multidisciplinar; saúde; e enfermagem. A busca final, realizada em maio de 2022, resultou em 146 artigos de acesso livre.

Passamos então para a terceira etapa, ou seja, de análise dos artigos a partir dos critérios de inclusão e exclusão. Realizamos inicialmente uma primeira triagem com a leitura preliminar dos títulos e resumos de todos os 146 artigos e, ao final desta, foram excluídos 104 artigos. Em seguida, passamos à segunda triagem com a leitura integral dos artigos, sendo excluídos mais 19 estudos. Ao final das duas triagens, considerados os objetivos da pesquisa e os critérios de inclusão e exclusão, foram excluídos 123 artigos, resultando em 23 artigos para análise. Os critérios de exclusão estão listados no Quadro 1, assim como a quantidade de artigos excluídos em cada critério.

### **Quadro 1**

#### *Critérios de Exclusão*

<b>Critério de exclusão</b>	<b>Descrição</b>	<b>Quantidade de artigos excluídos</b>
Outras iniciativas de reserva de vagas	Ações afirmativas votadas a pessoas com deficiência, cotas para ingresso na pós-graduação, programas de acesso a faculdades particulares, vestibulares específicos para indígenas, reserva de vagas em concursos públicos.	46
Experiências dos cotistas no percurso de formação	Ações de acolhimento e integração, como atividades de recepção aos calouros, acesso a serviços de apoio socioeconômico e psicológico, medidas para acompanhamento acadêmico ao longo da graduação.	32
Efetividade das cotas	Mudança no perfil discente após a implementação da lei de cotas, contribuições da política para inclusão e enfrentamento à discriminação, inserção no mercado de trabalho.	19
Embates jurídicos e políticos relacionados às cotas	Aplicabilidade da Lei 12.711/2012 pelas instituições públicas de ensino, validade da normativa, avaliação dos critérios de elegibilidade para ingresso por cotas.	17

Outros	História da educação superior no Brasil, acesso dos cotistas a serviços de saúde e alimentação de qualidade, questões de gênero.	9
--------	--	---

Fonte: Elaboração da autora com dados da pesquisa

Os artigos incluídos para análise abordam as discussões em torno da política de cotas e os argumentos favoráveis e contrários à sua implementação, assim como artigos que abordam o desempenho acadêmico e os índices de evasão dos estudantes cotistas e não cotistas. Reiteramos que ao longo do trabalho foram observados os preceitos norteadores de uma pesquisa de revisão da literatura, como a verificação das informações, a inclusão dos artigos em caso de dúvida, a clareza quanto aos métodos e procedimentos e a devida referência aos materiais (Basso-Poletto et al., 2020). Seguimos para as etapas de análise dos dados e de interpretação e apresentação dos resultados, conforme exposição a seguir.

### **Resultados e discussão da revisão de literatura**

Nesta seção apresentamos o resultado da análise qualitativa dos estudos selecionados na pesquisa. Identificamos que as temáticas abordadas pelos artigos foram: 1) experiências dos estudantes cotistas no percurso de formação, o que inclui a participação em ações de acolhimento, integração e o acesso a serviços de acompanhamento acadêmico e de apoio socioeconômico; 2) efetividade das cotas no aumento do número de estudantes beneficiados nas instituições de ensino; 3) embates jurídicos e políticos na formulação e implementação da lei de cotas, incluindo discussões sobre critérios de elegibilidade para ingresso por cotas, como a autodeclaração de raça e os critérios de renda; 4) reserva de vagas diversas, como em instituições educativas privadas, vestibulares específicos para indígenas e cotas para provimento de cargos públicos; 5) ações afirmativas voltadas a pessoas com deficiência; 6) concepções e posicionamentos da sociedade sobre as cotas; 7) comparações entre o desempenho dos estudantes cotistas e não cotistas.

Destacando os objetivos deste estudo, os 23 artigos incluídos para análise foram agrupados em duas categorias. Na primeira, denominada **discussões e posicionamentos sobre as cotas**, foram incluídos 14 artigos sobre concepções e posicionamentos da sociedade sobre as cotas de ingresso nas instituições públicas de ensino superior. Nesta categoria são apresentados os argumentos favoráveis e contrários à política de cotas destacados pelos artigos levantados.

Dentre os argumentos contrários, destacamos o de que alunos cotistas apresentam rendimento acadêmico inferior aos não cotistas. A fim de aprofundar nesta questão, na segunda categoria, denominada **desempenho acadêmico e evasão**, vamos explorar os achados dos 9 estudos que comparam o desempenho acadêmico e os índices de evasão entre cotistas e não cotistas. O Quadro 2 apresenta breves informações sobre os 14 artigos analisados na primeira categoria: título, sobrenome dos autores, ano e revista de publicação.

## Quadro 2

### *Artigos incluídos na categoria 1*

<b>Discussões e posicionamentos sobre as cotas</b>			
Título	Autores	Ano	Publicação
As cotas raciais como um mecanismo de visibilidade e valorização social da população negra.	Almeida e Leon	2022	Praxis Educativa
Um debate sobre o colonialismo e as cotas raciais: a democratização do lugar social.	Souza, Mendes e Reis	2021	Revista de Direito
Ações afirmativas e estereótipos sociais: desconstruindo o mito da inferioridade cotista.	Souza	2019	Arquivos Analíticos de Políticas Educativas
Ações afirmativas raciais e a atuação do jornal Folha de São Paulo.	Ferreira	2019	Cadernos de Pesquisa
O discurso sobre as cotas raciais antes da Lei 12.711/2012: letramentos acadêmicos e a ampliação do acesso ao ensino superior no Brasil.	Santos	2019	Revista Brasileira de Linguística Aplicada

Educação matemática e ações afirmativas: possibilidades e desafios na docência universitária.	Silva	2017	Cadernos de Pesquisa
Ação afirmativa na Índia e no Brasil: um estudo sobre a retórica acadêmica.	Feres Júnior e Daflon	2015	Sociologias
A implantação de cotas na universidade: paternalismo e ameaça à posição dos grupos dominantes.	Lima, Neves e Silva	2014	Revista Brasileira de Educação
Políticas públicas de ações afirmativas para a educação superior: o conselho universitário como arena de disputas.	Batista	2014	Revista Ensaio: avaliação em políticas públicas em educação
Reflexões sobre a constitucionalidade das cotas raciais em universidades públicas no Brasil: referências internacionais e os desafios pós-julgamento das cotas.	Bayma	2012	Revista Ensaio: avaliação em políticas públicas em educação
“We have a dream”. Cientistas sociais e a controvérsia sobre as cotas raciais na imprensa.	Campos	2012	Revista Sociologia e Política
Ações afirmativas: polêmicas e possibilidades sobre igualdade racial e o papel do Estado.	Santos, Cavalleiro, Barbosa e Ribeiro	2008	Revista Estudos Feministas
Representações de estudantes universitários sobre alunos cotistas: confronto de valores.	Menin, Shimizu, Silva, Cioldi e Buschini	2008	Educação e Pesquisa
Ações afirmativas na educação superior: rumos da discussão nos últimos cinco anos.	Guarnieri e Melo-Silva	2007	Psicologia & Sociedade

Fonte: Elaboração da autora com dados da pesquisa

O Quadro 3 apresenta breves informações sobre os 9 artigos analisados na segunda categoria: título, sobrenome dos autores, ano e revista de publicação.

**Quadro 3***Artigos incluídos na categoria 2*

<b>Desempenho acadêmico e evasão</b>			
Título	Autores	Ano	Publicação
Nursing students admitted through the affirmative action system display similar performance in professional and academic trajectories to those from the regular path in a public school in Brazil.	Biazotto, Gottems, Bittencourt, Araújo, Fernandes, Rodrigues, Neves e Amorim	2022	PLoS ONE
Comparison between students admitted through regular path and affirmative action systems in a brazilian public medical school.	Biazotto, Bittencourt, Araújo, Fernandes, Gottems, Rodrigues, Neves e Amorim	2022	Advances in Medical Education and Practice
Impactos das cotas no ensino superior: um balanço do desempenho dos cotistas nas universidades estaduais.	Pinheiro, Pereira e Xavier	2021	Revista Brasileira de Educação
Para além do acesso e da inclusão: impactos da raça sobre a evasão e a conclusão no ensino superior.	Costa e Picanço	2020	Novos Estudos
Diferencial de desempenho dos estudantes cotistas no exame nacional de desempenho de estudantes: evidências sobre as instituições de ensino superior federais.	Araújo, Benevides, Mariano e Barbosa	2020	Revista Brasileira de Educação
Cotas sociais, ações afirmativas e evasão na área de negócios: análise empírica em uma universidade federal brasileira.	Campos, Machado, Miranda e Costa	2017	Revista Contabilidade e Finanças
Performance of students admitted through affirmative action in Brazil.	Valente e Berry	2017	Latin American Research Review

Uma análise da progressão dos alunos cotistas sob a primeira ação afirmativa brasileira no ensino superior: o caso da universidade do estado do Rio de Janeiro.	Mendes Júnior	2014	Revista Ensaio: avaliação em políticas públicas em educação
Cotistas e não-cotistas: rendimento de alunos da Universidade de Brasília.	Velloso	2009	Cadernos de Pesquisa

Fonte: Elaboração da autora com dados da pesquisa

Podemos observar que 19 dos 23 artigos foram publicados entre 2012 e 2022, ou seja, após aprovação da Lei nº 12.711/2012. Antes da legislação tornar obrigatória a reserva de vagas, as instituições públicas de ensino superior já adotavam, por iniciativa própria, medidas para democratizar o acesso aos seus cursos, como é o caso da Universidade de Brasília que desde 2003 passou a reservar 20% das vagas de seu vestibular para negros<sup>2</sup>. Com a aprovação da Lei de Cotas, houve um incremento na produção científica sobre a política de cotas e seus desdobramentos. Reiteramos que a busca final na plataforma SCOPUS foi realizada em maio de 2022 e que publicações posteriores não foram incluídas nesta contagem.

### **Categoria 1: Discussões e Posicionamentos Sobre as Cotas**

Nesta seção analisamos os principais aspectos da discussão sobre as cotas, o que inclui estudos que abordam as concepções sobre as cotas, apresentam argumentos favoráveis e contrários à sua implementação e que destacam a importância de ações de apoio ao cotista ao longo do percurso de formação.

Almeida e Leon (2022) analisaram a trajetória de alunos negros do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul) que ingressaram pelo sistema de cotas. Foram realizadas entrevistas com onze estudantes de cursos diversos que já haviam concluído mais de 50% das disciplinas da

<sup>2</sup> Resolução nº 38, de 18 de junho de 2003, CEPE

grade curricular de seus cursos. Para interpretação das informações, as pesquisadoras utilizaram técnicas de análise de conteúdo. As cotas raciais, conforme resultados levantados, são vistas pelos entrevistados como medida de inclusão, projeção social e valorização da população negra brasileira, o que tem por objetivo amenizar desigualdades sociais e raciais. Os entrevistados reconheceram benefícios da política de cotas, mas reforçaram a necessidade de mais ações voltadas à integração da população negra nos espaços acadêmicos, visando não só o ingresso, mas a permanência e conclusão do curso.

Souza et al. (2021), no artigo de cunho teórico, abordam a historicidade das questões de identidade, raça e lugares sociais preestabelecidos e a importância das cotas para a transposição de mecanismos segregacionistas. As autoras apontam que a política de cotas é alvo de inúmeros debates, sendo destacados os argumentos favoráveis e contrários à sua implementação. Dentre os argumentos contrários levantados, as autoras destacam a questão da inconstitucionalidade do sistema de cotas (declarada improcedente nas ações judiciais julgadas pelo STF); a necessidade da autodeclaração para reconhecimento do direito às ações afirmativas; e a ideia de que estas não conseguem atingir o objetivo de reparar danos históricos. Outra questão levantada em torno das discussões contrárias às cotas é a de que, no lugar da suposta divisão da população, seria mais adequado investir para uma educação básica de mais qualidade. Quanto aos argumentos em prol das cotas, as autoras destacam a relevância para a retratação histórica e a integração social, étnica e racial; a necessidade de atribuir proteção especial a determinados grupos, considerando as suas vulnerabilidades; e o aumento do percentual de negros e de outros grupos beneficiados após a implementação da Lei de Cotas.

Souza (2019) ressalta que as cotas são frequentemente questionadas sob o argumento da meritocracia e da suposta inferioridade dos estudantes cotistas em termos de rendimento acadêmico. O autor investiga os possíveis estereótipos direcionados a estudantes do curso de

administração de uma universidade federal do Brasil que ingressaram pelo sistema de cotas. A pesquisa de cunho qualitativo foi realizada a partir da análise de documentos e a realização de 38 entrevistas semiestruturadas com cotistas e não cotistas do referido curso. O autor aponta que os saberes constituídos sobre os cotistas indicam “hierarquias sociais pelas quais os cotistas são considerados como inferiores e ocupantes não legítimos do espaço da universidade” (Souza, 2019, p. 12). A pesquisa também indica que alunos elegíveis para concorrerem a vagas pelo sistema de cotas chegam a optar pelo sistema universal para que não sejam vistos como inferiores no contexto acadêmico. Souza (2019) ressalta que a política de cotas não estimula tais estereótipos, visto que preconceitos de classe e raça estão presentes no tecido social e na cultura. O autor destaca ainda a importância de espaços de resistência e desconstrução do mito da inferioridade cotista. A análise documental realizada pelo pesquisador aponta que o rendimento acadêmico entre os dois grupos não apresenta diferenças significativas.

Conforme Ferreira (2019), a mídia influencia o debate público “filtrando e realçando aspectos de determinado tema, inclusive dando voz a alguns atores sociais e silenciando outros” (Ferreira, 2019, p. 117). Nesse sentido, o autor aborda a temática das concepções sobre as cotas a partir da análise narrativa das publicações do jornal Folha de São Paulo sobre ações afirmativas no ensino superior brasileiro. Após o levantamento de editoriais e reportagens, Ferreira (2019) destaca trechos do referido jornal sobre as ações afirmativas serem promotoras de discriminação. Segundo o autor, o periódico defende em suas publicações a exclusividade de critérios sociais, reiterando que o Brasil é um país miscigenado, e chega a comparar as políticas afirmativas com o *apartheid* na África do Sul. Dentre os argumentos contrários às cotas veiculados no jornal, Ferreira (2019) destaca o risco de redução na qualidade do ensino, problemas no emprego de categorias raciais e o argumento de que as cotas estimulam a segregação racial e aumentam o racismo. De outro lado, o jornal também lança mão de publicações com argumentos favoráveis às cotas, como: a equivalência do rendimento

acadêmico entre cotistas e não cotistas, com destaque para a taxa de evasão menor entre os cotistas; e publicações sobre o aumento da diversidade social e racial na universidade com a entrada de estudantes oriundos de escolas públicas.

Santos (2019), com o objetivo de discutir os letramentos acadêmicos no contexto das políticas de cotas, apresenta questões relevantes sobre a temática e avalia dois trechos de artigos de opinião publicados em periódico de circulação interna à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Segundo a autora “não raras vezes, circularam discursos que apontavam para uma natural desqualificação de alunos cotistas em relação aos não cotistas frente às exigências acadêmicas e que previam uma possível queda na qualidade do ensino superior público brasileiro após a entrada desses estudantes” (Santos, 2019, p. 3). Para a autora, os argumentos a respeito das cotas para estudantes negros e/ou egressos de escolas públicas orbitam em torno da polaridade de posicionamentos favoráveis ou contrários, as possíveis fraudes no sistema, os questionamentos sobre a qualidade do ensino nas instituições e as problematizações relacionadas ao desempenho acadêmico dos estudantes cotistas.

Silva (2017) realizou entrevistas com docentes e gestores de cursos de matemática e engenharia de duas universidades federais localizadas no sudeste do Brasil. A pesquisa teve por objetivo avaliar as concepções sobre a implementação e manutenção das cotas para ingresso nas universidades. Os participantes enfatizaram que as políticas de ações afirmativas representam, para além de uma medida assistencial, um recurso importante para amenizar desigualdades e oportunizar a ascensão social. Segundo o autor os entrevistados expuseram também a preocupação com a valorização da diversidade de conhecimentos na universidade. A questão da permanência é outra preocupação dos docentes e gestores, destacando-se a importância do apoio socioeconômico aos estudantes em situação de vulnerabilidade. Por fim,

os entrevistados apontaram a necessidade de valorização, reconhecimento e maior apoio institucional no desenvolvimento de ações de acolhimento e integração aos estudantes.

Os pesquisadores Feres Júnior e Daflon (2015) realizaram um estudo comparativo que avaliou os argumentos contrários às cotas empregados por acadêmicos na Índia e no Brasil. Os pesquisadores utilizaram como fonte de dados dezenas de publicações dos dois países sobre a ação afirmativa. Segundo os autores, apesar das diferenças de trajetórias históricas e nas características de cada sociedade, os argumentos levantados são análogos. Os autores agruparam tais argumentos em três grupos temáticos. No primeiro, intitulado raça/casta e identidade nacional, destaca-se a posição de que as ações afirmativas potencializam o conflito racial e colaboram para a imposição de uma identidade binária na sociedade. O segundo grupo, cidadania e estado, aborda a questão da suposta violação da igualdade legal e a crença de que as políticas de reserva de vagas violariam os princípios do mérito e da competição aberta, tendo o potencial de reduzir a qualidade da educação superior. O terceiro eixo, denominado procedimentos e resultados, reúne os argumentos de que tais políticas são ineficazes no combate às desigualdades e que acabam por beneficiar a classe média negra em detrimento dos brancos pobres.

Batista (2014), a partir da análise argumentativa, examina uma sessão do Conselho Universitário (CONSUN), com representantes discentes, docentes e servidores técnico-administrativos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A referida sessão aconteceu em 2012, ano de aprovação da Lei de Cotas, e as discussões e pareceres expressaram “as disputas presentes na sociedade brasileira por um modelo de justiça social em face às políticas públicas de ações afirmativas para a Educação Superior” (Batista, 2014, p. 95). Segundo o autor, foi ressaltado nas discussões que tais políticas visam minimizar os efeitos de condições históricas de desigualdades sobre determinados segmentos da população. Foi abordada também a

importância de uma reforma estrutural da educação brasileira, com a melhoria da educação básica no país, ressaltando-se o caráter paliativo/emergencial das cotas. A análise da sessão do CONSUN também evidenciou a preocupação com a adoção de medidas visando a permanência dos estudantes cotistas na universidade e o acompanhamento acadêmico destes ao longo da graduação.

Lima et al. (2014) investigaram a percepção de justiça social e a opinião de estudantes de cursos de alta concorrência da Universidade Federal de Sergipe – medicina, direito, psicologia, odontologia e enfermagem – sobre as cotas raciais e sociais. Para tanto, foi utilizado um questionário composto de perguntas abertas e fechadas em dois diferentes momentos: antes e depois da implementação do sistema de cotas na referida universidade (2005 e 2010, respectivamente). A comparação dos resultados das duas pesquisas mostra que, antes da entrada dos cotistas, grande parte dos entrevistados reconhecia a injustiça social e econômica vivenciada pela população negra brasileira e, no segundo momento, isto é, após o ingresso dos cotistas nos cursos de alta concorrência, houve um decréscimo na percepção de justiça social pelos entrevistados. Os autores também apontam discrepâncias com relação a atitudes sobre as cotas na universidade: após a sua implementação, houve um aumento no número de estudantes contrários às cotas para negros na universidade e, em contrapartida, a oposição às cotas sociais decresceu com a sua implantação.

Bayma (2012) também apresenta discussões em torno das cotas, sobretudo a partir da análise de questões relacionadas à constitucionalidade de tais políticas no Brasil. O estudo, de cunho teórico, traz importantes contribuições e posicionamentos sobre as ações afirmativas, como a discussão sobre a incorporação de considerações de ordem étnica e racial na promoção da inclusão social de grupos excluídos e a então insuficiência da utilização exclusiva de critérios de renda. Segundo a autora, os principais argumentos favoráveis à política de cotas apoiam-se

na teoria da justiça compensatória e na teoria da justiça distributiva. A primeira diz respeito à retificação de injustiças e/ou falhas cometidas a determinado grupo minoritário. O problema apresentado com relação a este posicionamento é a dificuldade na identificação dos beneficiários da política compensatória. A teoria da justiça distributiva, por sua vez, ressalta a importância de distribuição mais igualitária de oportunidades, considerando a exclusão histórica e cultural de certos grupos.

Campos (2012), com objetivo de dar visibilidade à diversa gama de argumentos e opiniões a respeito das cotas raciais nas universidades brasileiras, analisa textos de opinião escritos por cientistas sociais e publicados na grande imprensa nacional. A pesquisa incluiu artigos publicados nos jornais Folha de São Paulo e O Globo entre 2001 e 2007. Campos identificou as linhas argumentativas e sistematizou as justificativas mobilizadas por defensores e críticos do sistema de cotas. Os argumentos favoráveis apontam as cotas como medida reparadora de injustiças e desigualdades raciais, oportunidade para o reconhecimento da população negra e inclusão de minorias e/ou pessoas marginalizadas na universidade. Por outro lado, os argumentos contrários às cotas apontam que estas criam tensões sociais, implicam o reconhecimento de equivocada ideia de raça, rompem com o princípio da igualdade e carecem de efetividade, ressaltando-se a dificuldade de definição dos beneficiários de tais políticas num país miscigenado.

Ainda sobre o posicionamento contrário às cotas, Santos et al. (2008) problematizam o argumento de que o sistema ensejaria debates raciais no Brasil. O estudo ressalta que o Estado tem importante papel na implementação das políticas de ações afirmativas, isto é, políticas voltadas à concretização do princípio constitucional da igualdade e que visam combater diversas formas de discriminação. Os autores afirmam que a possibilidade de ampliação dos conflitos raciais com a implementação das cotas para negros nas instituições públicas de ensino

brasileiras não se confirma, enfatizando que a argumentativa carece de suporte teórico e de evidências históricas. Traçando um paralelo com o debate em torno do direito ao voto por mulheres brasileiras no início do século XX, muitos argumentos eram entoados no sentido de impedir a aprovação do sufrágio feminino, como o que previa a dissolução da família brasileira. Os autores reiteram que tais preposições hoje são inconcebíveis, assim como serão certos argumentos contrários às cotas no futuro.

Menin et al. (2008) investigaram os valores presentes na avaliação de universitários sobre os estudantes cotistas. Para tanto, diferentes tipos de questionários foram preenchidos por 403 alunos de cursos diversos de uma universidade pública do estado de São Paulo. Como método de análise foi utilizado o programa ALCESTE (Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte) e realizada a análise de conteúdo das respostas. Os autores concluíram que valores como justiça, igualdade e esforço pessoal respaldam a resposta dos universitários contrários à política de cotas. Segundo os autores a maior parte dos alunos rejeita o sistema de cotas e considera o vestibular baseado apenas no chamado mérito pessoal como mais justo. Os estudantes, em sua maioria, reconheceram a discriminação por classe social, mas não a discriminação por raça, nesse sentido, políticas de cotas que tenham como beneficiários alunos de escolas públicas são mais aceitas pelos entrevistados. Os autores ressaltam a importância de discussões sobre as relações raciais brasileiras e apontam que o enfrentamento à ideologia do mérito e da igualdade perante a lei é um grande desafio à implementação das cotas.

Guarnieri e Melo-Silva (2007), com o objetivo de contribuir para as discussões sobre as ações afirmativas no ensino superior brasileiro, realizaram uma revisão de literatura do tipo estado da arte, a partir das bases SCOPUS e *Journal Store*, com a delimitação de trabalhos publicados entre 2002 e 2007. Após as etapas de análise prévia, exploração do material e

tratamento dos resultados, foram organizadas três unidades: dicotomia contra ou a favor ao sistema de cotas; exploração do conceito e enriquecimento do debate sobre a diversidade; e reflexões dialéticas. Na primeira categoria foram incluídos os artigos com discussões sobre o potencial das ações afirmativas para a promoção de justiça social e reparação histórica dos efeitos da discriminação; o papel do Estado na proposição dessas políticas; e as problemáticas envolvendo a valorização do mérito pessoal em oposição à reserva de vagas nas universidades. A segunda unidade de análise englobou artigos que apresentavam intervenções diretas com as pessoas, como entrevistas, questionários e grupos focais, sobre a temática das cotas, contribuindo para o debate sobre a diversidade e para o aumento da conscientização política e da responsabilidade social. Por fim, na terceira unidade de análise foram categorizados estudos com enfoque no processo de formação dos alunos, como as potencialidades e dificuldades vivenciadas por estes no decurso da graduação e as estratégias institucionais de acolhimento aos estudantes.

A partir da exposição, podemos afirmar que as cotas são consideradas uma importante medida de inclusão, projeção social e de redução de desigualdades. Contudo, para além do ingresso, é preciso pensar ações voltadas ao acolhimento e à integração do estudante cotista nos espaços acadêmicos. Assim, reiteramos a importância das ações de apoio aos estudantes, dos programas de tutoria e de medidas de valorização e integração da diversidade de conhecimentos na universidade. O Quadro 4 destaca os principais argumentos favoráveis às cotas apresentados pelos artigos incluídos neste estudo.

#### **Quadro 4**

##### *Argumentos favoráveis às cotas*

<b>Argumentos</b>	<b>Autores</b>
Medida de retratação histórica e de redução de desigualdades.	Souza, Mendes e Reis (2021); Bayma (2012); Campos (2012)

Aumento no percentual de negros e outros beneficiários após a implementação das cotas nas universidades e institutos federais.	Souza, Mendes e Reis (2021); Ferreira (2019)
Medida de inclusão, projeção social e valorização da população negra brasileira.	Bayma (2012); Campos (2012)
Concretização do princípio constitucional da igualdade.	Bayma (2012)
Equivalência de rendimento acadêmico e taxa de evasão entre cotistas e não cotista.	Ferreira (2019)

Fonte: Elaboração da autora com dados da pesquisa

O quadro 5 destaca os principais argumentos contrários às cotas apresentados pelos artigos incluídos neste estudo.

### Quadro 5

#### *Argumentos contrários às cotas*

<b>Argumentos</b>	<b>Autores</b>
Potencialização de conflitos sociais e raciais.	Souza et al. (2021); Ferreira (2019); Feres Júnior e Daflon (2015); Lima et al. (2014); Campos (2012); Santos et al. (2008)
Inconstitucionalidade do sistema de cotas, com referências ao princípio da igualdade.	Souza, Mendes e Reis (2021); Feres Júnior e Daflon (2015); Lima, Neves e Silva (2014); Campos (2012)
Dificuldade na definição e identificação dos beneficiários da política.	Souza et al (2021); Ferreira (2019); Campos (2012)
Falta de efetividade das cotas na reparação de desigualdades de classe e de raça.	Souza et al. (2021); Feres Júnior e Daflon (2015); Campos (2012)
Suposta redução na qualidade do ensino.	Ferreira (2019); Santos (2019); Feres Júnior e Daflon (2015)
Mérito pessoal como critério mais justo.	Feres Júnior e Daflon (2015); Menin et al. (2008); Santos et al. (2008)

Fonte: Elaboração da autora com dados da pesquisa

Observamos que as cotas são frequentemente questionadas sob diversos argumentos, dentre os quais destacamos o critério da meritocracia e a preocupação de uma suposta queda na qualidade do ensino com o ingresso de estudantes cotistas na universidade. Com o objetivo de rebater esta argumentativa, ressaltando a importância da desconstrução do mito da inferioridade do cotista, levantamos estudos que comparam o desempenho acadêmico e os níveis de evasão dos estudantes nas instituições públicas de ensino superior.

### **Categoria 2: Desempenho acadêmico e evasão**

Nesta categoria, com a finalidade de problematizar o argumento de que os estudantes cotistas teriam rendimento inferior, apresentamos estudos que comparam o desempenho e os índices de evasão de cotistas e não cotistas. O termo desempenho foi aqui empregado por ser mais abrangente. Assim, além do rendimento acadêmico, estão incluídos outros aspectos da formação, como participações em grupos de pesquisa e programas de extensão.

Biazotto et al. (2022), desenvolveram um estudo com 707 alunos com o objetivo de comparar o desempenho e a situação socioeconômica durante e após a formação em medicina de cotistas e não cotistas da Escola Superior de Ciências da Saúde (ESCS). Dos participantes da pesquisa, 28,9% se enquadravam no critério de cotas adotado: a frequência em escolas da rede pública durante todo o ensino fundamental e médio. Foram incluídos alunos que ingressaram na referida instituição entre os anos de 2005 e 2012, sendo estes acompanhados para fins de pesquisa até 2020. Os resultados demonstraram menor taxa de evasão entre os estudantes cotistas, rendimento acadêmico equivalente e, quanto à colocação profissional, não houve diferenças entre os egressos ou não do sistema de cotas. Assim, rebatendo os argumentos de que os estudantes de ações afirmativas são menos qualificados, a pesquisa concluiu que estes alcançam níveis de excelência no ensino superior e que estas políticas são importantes para a

promoção da diversidade e equidade no acesso ao curso de medicina na renomada instituição pública de ensino brasileira.

Nessa perspectiva, outro estudo realizado por Biazotto et al (2022) buscou fundamentar a defesa de que as ações afirmativas contribuem para a redução de desigualdades e garantem a formação de profissionais qualificados para atuação no mercado de trabalho. Os pesquisadores realizaram um estudo com 448 alunos do curso de enfermagem da ESCS admitidos entre os anos de 2009 e 2014, dentre os quais 40% ingressaram pelo sistema de cotas sociais. A comparação do desempenho dos alunos cotistas e não cotistas demonstrou não haver diferenças significativas no rendimento acadêmico, nas taxas de evasão e nem no tempo para conclusão do curso. A participação em projetos de extensão e em programas de iniciação científica também foi equivalente nos dois grupos. O estudo acompanhou os participantes após a conclusão do curso de enfermagem até o ano de 2020 e encontrou resultados equivalentes entre os estudantes em relação aos seguintes critérios: ingresso em programas de residência e em programas de mestrado e doutorado, renda mensal, atividade docente e ingresso no serviço público.

A correlação entre ações afirmativas e taxas de evasão também foi investigada por Campos et al. (2015). A pesquisa teve por objetivo avaliar se a implementação das cotas, em conformidade com a Lei n. 12/711/2012, interferiu nos níveis de evasão dos cursos da área de negócios de uma instituição pública de ensino superior de expressão nacional. Foi realizada uma pesquisa documental a partir da amostra de 2418 estudantes que ingressaram no primeiro semestre letivo de 2013, primeiro ano de adoção da Lei de Cotas na instituição. A análise binominal das informações levantadas demonstrou não haver diferenças estatísticas entre as taxas de evasão dos estudantes que ingressaram ou não pelo sistema de cotas nos referidos cursos. Os pesquisadores, contudo, reconhecem que as causas da evasão como um todo não

foram apuradas, assim como “não foi analisado o impacto das políticas socioeconômicas destinadas aos alunos de baixa renda, as quais podem influenciar sua permanência” (Campos et al., 2017, p. 39).

Costa e Picanço (2020) ressaltam que é importante considerar a trajetória dos estudantes ao longo de sua formação e os componentes que influenciam na permanência e conclusão do curso. Nesse sentido, foi realizado um levantamento a partir dos registros oficiais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com o objetivo de analisar os efeitos das desigualdades socioeconômicas nos índices de evasão da instituição. Os resultados mostraram que após a implementação da Lei de Cotas houve uma diversificação do perfil discente na universidade, o que evidencia a necessidade de programas voltados a integração e permanência dos estudantes. Ainda conforme resultados do estudo, alunos com perfil socioeconômico mais baixo estão mais propensos a evadir. As autoras reiteram que, nas pesquisas sobre evasão universitária, deve-se considerar as complexas questões envolvidas na temática, como gênero, classe, raça, suporte institucional, estratégias subjetivas, dentre outras.

Pinheiro et al. (2021), ao avaliar o impacto das cotas no ensino superior, sistematizaram pesquisas de avaliação do desempenho acadêmico de estudantes que ingressaram em universidades públicas pelo sistema. Para tanto foi realizada a revisão integrativa da literatura com delimitação de publicações nacionais entre os anos de 2002 e 2019, resultando, após triagem e classificação do pesquisador, em quinze trabalhos para análise. Os autores definiram três dimensões de análise: rendimento acadêmico, taxa de evasão e taxa de diplomação. Os resultados apontam rendimento similar, menor taxa de evasão e uma superação com relação aos índices de diplomação dos estudantes cotistas quando comparados aos não cotistas. Assim, “conclui-se que os dados derrubam o mito de que a qualidade da educação seria pior com as

cotas, apesar da relevância do contínuo monitoramento destes resultados, uma vez que ainda são escassos os enfoques na realidade das instituições estaduais” (Pinheiro et al., 2021, p. 1).

Araújo et al. (2020) compararam o desempenho no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) de cotistas e não cotista a partir das notas obtidas pelos estudantes no período de 2013 a 2015. Os dados foram analisados a partir de dois métodos: balanceamento por entropia e pareamento por escore de propensão para múltiplos tratamentos. Os resultados indicaram que os cotistas, de modo geral, obtiveram notas mais baixas que os não cotistas. Contudo, o desempenho é afetado de maneira heterogênea a depender do tipo de cota: estudantes incluídos no critério racial apresentaram desempenho inferior quando comparados aos não cotista e, por outro lado, estudantes oriundos de escolas públicas apresentaram maior desempenho do que os não cotistas.

Os pesquisadores Valente e Berry (2017), com o objetivo de comparar os resultados de estudantes cotistas e não cotistas, também examinaram os resultados no ENADE. A pesquisa incluiu dados do exame do período de 2009 a 2012. A escolha deste interstício teve o intuito de avaliar o resultado em diferentes cursos, uma vez que o ENADE é organizado por ciclos de três anos com avaliações para diferentes áreas do conhecimento. Os resultados da pesquisa apontam que os alunos das universidades públicas apresentaram notas semelhantes no exame, independente da admissão pelo sistema universal ou por cotas, exceto os estudantes enquadrados no recorte de renda: alunos com renda familiar inferior a um salário-mínimo e meio obtiveram notas mais baixas no exame quando comparadas a dos demais estudantes. Os resultados reforçam a importância das ações afirmativas e do desenvolvimento de programas de apoio ao estudante de baixa-renda no percurso de formação. Os autores reforçam a necessidade do contínuo debate sobre o tema e a realização de novas pesquisas.

O desempenho de estudantes cotistas e não cotistas também foi comparado por Mendes Júnior (2014). A pesquisa avaliou o rendimento acadêmico e as taxas de evasão dos estudantes de 43 cursos de graduação que ingressaram no ano de 2005 na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. A partir da análise das informações documentais, concluiu-se que o coeficiente de rendimento dos estudantes cotistas foi inferior ao dos não cotistas, sobretudo em cursos considerados de alta dificuldade relativa pelo pesquisador. Contudo, com o passar dos anos, a diferença de rendimento entre os dois grupos diminuiu. Com relação aos índices de evasão, foram levantadas informações sobre os estudantes que, tendo ingressado em 2005 na referida instituição, concluíram o curso até o ano de 2011. Os resultados demonstram que as taxas de graduação entre os cotistas foram maiores em comparação aos demais, assim: “esta pesquisa conclui que os cotistas matriculados na UERJ tendem a atribuir um alto valor ao curso em que ingressam. Por isto, persistem em uma maior proporção na universidade a despeito de menores coeficientes de rendimento médios” (Mendes Júnior, 2014, p. 31).

Ainda sobre pesquisas que buscam subsidiar as discussões sobre o desempenho dos estudantes beneficiários de ações afirmativas, Velloso (2009), comparou o rendimento acadêmico de 5808 estudantes cotistas e não cotistas da Universidade de Brasília. Os cursos foram agrupados e os resultados apresentados por área: humanidades, ciências e saúde. Não houve diferenças substantivas no rendimento acadêmico dos estudantes da área de humanidades. No balanço feito para a área de ciências, os cotistas obtiveram resultado inferior, o que sugere, segundo o autor, oportunidades desiguais de formação no ensino médio com déficit em disciplinas como física e química. No cenário da área da saúde a pesquisa indicou resultados semelhantes entre os dois grupos. Velloso (2009) conclui que, a despeito das previsões dos críticos ao sistema de cotas, os dados em seu conjunto demonstraram não haver diferenças substantivas no rendimento dos estudantes na universidade.

A partir da exposição podemos afirmar que o argumento de que as cotas levariam à redução na qualidade de ensino não encontra fundamentação nos dados da literatura. As pesquisas indicam que desempenho acadêmico e os índices de evasão são equivalentes quando comparados cotistas e não cotistas. Assim, os resultados dos estudos analisados nesta revisão de literatura ajudam a superar o mito da inferioridade do cotista, assim como corroboram o argumento de que as cotas são um importante meio de promoção da diversidade e de projeção social.

Neste estudo de revisão integrativa da literatura, foram levantados os principais aspectos em torno das discussões sobre as cotas nas instituições públicas de ensino superior. Se por um lado as cotas são vistas como medida de reparação histórica, de inclusão e projeção social, por outro questiona-se a efetividade da política e os critérios de definição e de identificação de seus beneficiários. Dentre os argumentos contrários às cotas, destacamos o de que haveria a queda na qualidade do ensino com o ingresso dos estudantes cotistas. Os resultados indicaram não haver diferenças entre os dois grupos, sustentando o posicionamento de que o ingresso de estudantes cotistas não pode ser associado a uma redução na qualidade do ensino.

A partir dos dados da literatura, reiteramos que houve o aumento do número de pessoas historicamente excluídas ingressantes no ensino superior brasileiro após a implementação da Lei de Cotas (Maia et al., 2021; Lima et al., 2016). As cotas ajudam a tornar a universidade uma possibilidade para essas pessoas, ou seja, um lugar que também é para elas. Assim, é importante que sejam desenvolvidas ações de apoio ao estudante cotista no percurso de formação, como estratégias de acolhimento, programas de desenvolvimento social e de tutoria. A promoção da equidade no acesso à universidade é, portanto, um passo importante que deve ser acompanhado de outras medidas relacionadas à integração dos estudantes.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### **Epistemologia Qualitativa e Metodologia Construtivo-Interpretativa**

Uma especificidade do campo das ciências sociais é que o seu objeto de estudo é essencialmente qualitativo. A pesquisa qualitativa tem então um papel central nas ciências sociais, uma vez que se ocupa “com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (Minayo, 2010, p. 21). Madureira e Branco (2001) apontam que diversas áreas do saber se apropriaram de um conjunto de metáforas mecanicistas do fazer científico. Segundo as autoras, a supressão da dimensão histórica da realidade é uma marca da perspectiva positivista, que parte de bases essencialistas ao buscar uma suposta imutabilidade das leis que regem a produção do saber. Assim, ao sujeito do conhecimento caberia acessar objetividades externas e descobrir as verdades absolutas que supostamente constituiriam sua natureza.

Assim como nas ciências sociais, na psicologia, de modo geral, a legitimidade da pesquisa é tomada como algo externo ao pesquisador – que supostamente não interfere nos resultados da pesquisa em si. Contudo, conforme aponta Minayo (2010), a identidade entre o sujeito e o objeto nas ciências sociais é uma questão essencial, sendo necessário considerar o significado e a intencionalidade das ações humanas em todo o processo de pesquisa. Nesse sentido, González Rey (2005) destaca que a pesquisa representa um processo de constante implicação intelectual por parte do pesquisador. Cabe ressaltar que a relação entre o pesquisador e o seu campo de estudos se estabelece de forma definitiva na investigação social e a visão de mundo dos envolvidos está enredada em todo o processo de conhecimento (González Rey, 2005).

O autor reitera a importância de rever a posição com que muitos pesquisadores se orientam no campo da pesquisa, visando desenvolver uma posição reflexiva sobre os princípios metodológicos (González Rey, 2005). A hegemonia positivista colocou de lado a importância dos debates epistemológicos e teóricos, reforçando a ideia equivocada do método como uma caixa de ferramentas, ao que o González Rey chama de concepção instrumentalista da ciência (González Rey, 2005).

Ao longo das últimas quatro décadas, a pesquisa qualitativa ganhou espaço em diferentes campos das ciências sociais, contudo, conforme González Rey (2005), muitas das referências epistemológicas alternativas ao positivismo limitam-se a princípios muito gerais e não atendem às necessidades da pesquisa qualitativa. “Ao centrar a sua obra no estudo da subjetividade em diversos campos da experiência humana, González Rey abriu campos de inteligibilidade sobre processos historicamente negligenciados pelas ciências humanas e sociais”<sup>3</sup> (Torres & Goulart, 2020, p. 54, tradução nossa).

Assim, na insuficiência de propostas epistemológicas apropriadas ao estudo da subjetividade numa perspectiva histórico-cultural, foi desenvolvida a Epistemologia Qualitativa (González Rey & Mitjans Martínez, 2019), representando um processo diferenciado de construção de conhecimento (González Rey, 2005). A Epistemologia Qualitativa tem como princípios centrais o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, a legitimação do singular na produção do conhecimento científico e a pesquisa como processo dialógico de comunicação (González Rey, 2010, 2014; González Rey & Mitjans Martínez, 2019).

A partir do primeiro princípio, o conhecimento é compreendido como uma produção, um processo de caráter construtivo e interpretativo (González Rey, 2005; González Rey &

---

<sup>3</sup> “By focusing his work on the study of subjectivity in various fields of human experience, González Rey opened fields of intelligibility on processes historically neglected by human and social sciences” (Torres & Goulart, 2020, p. 54).

Mitjás Martínez, 2017a). Não é possível que haja uma apropriação linear da realidade, já que somos parte do mundo e uma dimensão do real é de fato produzida a partir da nossa ação (González Rey & Mitjás Martínez, 2017a). Nesse sentido, o conhecimento está atrelado a uma produção humana, ou seja, é reconhecido como um processo de construção e que tem sua legitimidade na capacidade de “produzir novas construções no curso da confrontação do pensamento do pesquisador com a multiplicidade de eventos empíricos coexistentes no processo investigativo” (González Rey, 2005, p. 7).

Outro aspecto primordial da Epistemologia Qualitativa é o singular e a sua legitimação como via de produção do conhecimento, o que implica uma compreensão diferenciada da pesquisa como produção teórica (González Rey, 2005, 2014). Nesse sentido, os casos singulares e as produções do pesquisador encontram sua legitimidade nas contribuições ao modelo teórico em desenvolvimento (González Rey, 2005; González Rey & Mitjás Martínez, 2017a).

O terceiro princípio da EQ refere-se ao caráter dialógico da produção do conhecimento, no qual a pesquisa é compreendida como um processo comunicacional, tido como um “espaço privilegiado em que o sujeito se inspira em suas diferentes formas de expressão simbólica, todas as quais serão vias para estudar sua subjetividade e a forma como o universo de suas condições sociais objetivas aparece constituído nesse nível” (González Rey, 2005, p. 13).

A comunicação ajuda a conhecer o modo como as condições da vida social afetam a pessoa e oportuniza a análise e a compreensão das configurações e dos processos de sentido subjetivos (González Rey, 2005). Assim, a comunicação deve ser considerada como um princípio epistemológico, o que é fundamental para compreender a significação do espaço social para a pesquisa e as informações nele produzidas (González Rey & Mitjás Martínez, 2019).

Como destacado, a Epistemologia Qualitativa representa uma alternativa à pesquisa instrumental-descritiva, ressaltando-se o caráter construtivo-interpretativo e dialógico do

conhecimento científico (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a). A EQ, por sua vez, é a base epistemológica sobre a qual se sustenta a Metodologia Construtivo-Interpretativa (González Rey & Mitjans Martínez, 2019). Nessa perspectiva, a pesquisa é compreendida como um momento teórico-empírico de construção do conhecimento por meio do diálogo dinâmico e reflexivo, constituindo um espaço sociorrelacional em que o sistema de atividades-comunicação permite a construção da subjetividade do participante (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a).

No processo de pesquisa de campo, considerando a processualidade nos diálogos, em que os envolvidos mobilizam recursivamente e abrem novos espaços de interação (González Rey, 2019), os instrumentos podem ser continuamente atualizados, permeando o processo de construção e interpretação das informações. Importante destacar que os instrumentos metodológicos representam meios para novos momentos dialógicos, provocando expressões que permitam a construção dos indicadores e hipóteses (González Rey & Mitjans Martínez, 2019). Assim, “os instrumentos, no curso pesquisa, são tomados como favorecedores da expressão do outro, representando uma fonte de produção da informação, e não categorias em si mesmos” (Rossato & Mitjans Martínez, 2018, p. 188).

O papel do pesquisador é ressignificado neste processo, destacando-se a importância da interação entre este e o pesquisado, numa construção que oportuniza constantes reflexões (González Rey, 2010). A construção do conhecimento requer a interpretação do pesquisador, ativa e intencional, das memórias e experiências de vida dos participantes (González Rey, 2019). Rossato & Mitjans Martínez (2018) destacam que o processo interpretativo se refere à produção de novos significados sobre informações, o que ocorre durante todo o processo de pesquisa, alimentando novas construções.

Os indicadores representam os significados gerados pelo pesquisador, interpretações sobre as informações, não estando, portanto, explícitos no material empírico (Rossato &

Mitjás Martínez, 2018). A hipótese é construída na articulação de indicadores que convergem numa direção (González Rey & Mitjás Martínez, 2019). A relação entre indicadores e hipóteses conduzem à construção do modelo teórico sobre o tema estudado (González Rey & Mitjás Martínez, 2017a).

A Epistemologia Qualitativa e a Metodologia Construtivo-Interpretativa orientam os pesquisadores “para a constituição de um pensamento científico que se mantém vivo, em constante geração e evolução” (Torres & Goulart, 2020, p. 61, tradução nossa). Essa base epistemológica e metodológica é coerente com a complexidade do estudo da subjetividade (Rossato & Mitjás Martínez, 2018). Partindo dessas considerações, apresentamos na próxima seção a Teoria da Subjetividade e suas categorias conceituais.

### **Teoria da Subjetividade**

A subjetividade é um conceito polissêmico, abordado por diferentes áreas do saber. Na TS, entretanto, é o cerne de um sistema teórico, o que traz importantes implicações epistemológicas e metodológicas (González Rey, 2005; Mitjás Martínez & Gonzalez Rey, 2017a). A subjetividade marca um tipo qualitativamente diferente do funcionamento humano nos marcos da cultura e, conforme González Rey (2005), não é definida em oposição à objetividade, mas se refere ao caráter objetivo dos fenômenos humanos.

A subjetividade é um fenômeno diferenciado dos outros implicados em sua gênese, não é redutível a nenhum outro fenômeno, assim como não é redutível a uma soma do simbólico e do emocional (Mitjás Martínez & González Rey, 2017a). Enquanto qualidade específica dos fenômenos humanos dentro da cultura, o seu funcionamento envolve instâncias individuais e sociais.

González Rey (2012) destaca que os grupos sociais são produtores de sua experiência e não resultado do que acontece com eles. Assim, embora tenham grande importância na produção de sentidos subjetivos, os fatos por si só não determinam socialmente a trajetória do indivíduo. Segundo o autor, “o caráter simbólico dos processos sociais nas condições da cultura representou um momento novo e diferenciado no funcionamento psíquico humano, que permitiu que a psique humana transcendesse aos sinais do ambiente e se tornasse um sistema gerador das próprias realidades em que ela se configura e desenvolve” (González Rey, 2012, p. 170).

Assim, a TS critica a visão do reducionismo relacional, ou seja, do fenômeno reduzido às relações e ao contexto. A Teoria da Subjetividade ressalta ainda a complexidade constitutiva do funcionamento psicológico, contribuindo para a superação de compreensões fragmentadas e de dicotomias como consciente e inconsciente, afetivo e cognitivo, social e individual (Mitjans Martínez & González Rey, 2020). Segundo a TS, as produções subjetivas ocorrem nos diferentes espaços de vida e articulam-se constantemente com produções subjetivas originárias de outros contextos e outras vivências (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a).

As experiências humanas têm natureza subjetiva, assim, no curso da experiência emergem sentidos subjetivos, definindo o que cada pessoa sente e gera no processo (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a). Esse novo tipo de processo emerge na vida social culturalmente organizada, o que permite a integração do passado e do futuro como qualidade inseparável da produção subjetiva atual (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a).

Nessa perspectiva, a relação entre indivíduo e sociedade é concebida como um sistema configuracional. A subjetividade representa um sistema complexo que se integra em dois níveis interdependentes, o social e o individual (Souza & Torres, 2019). Segundo González Rey e Mitjans Martínez (2017a, p. 64), em cada um dos níveis, “o jogo contraditório e tenso dos sentidos subjetivos e das configurações subjetivas sintetiza (...) múltiplas produções subjetivas

que se configuram no nível macro da organização social, mas que aparecem em seu caráter singular em cada um desses níveis”.

A subjetividade social é caracterizada por uma complexa rede de configurações subjetivas sociais, constituindo-se como formas de expressão, por exemplo, as representações sociais, as normas e valores dominantes em um espaço social (González Rey, 2018; González Rey & Mitjans Martínez, 2019). Os sentidos subjetivos produzidos no contexto das relações entre os indivíduos que compartilham um espaço social participam da produção da subjetividade social, ao mesmo tempo em que essas produções subjetivas sociais integram a produção da subjetividade individual, sendo singularizadas de formas diversas pelos indivíduos e participando de suas expressões nesses contextos sociais (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a; 2019).

A subjetividade individual, por sua vez, é entendida como a produção singular do indivíduo e representa os processos e as formas de organização gerados no curso de suas experiências singulares ao longo da vida (González Rey, 2011). Segundo González Rey (2005, p.241), na subjetividade individual aparece constituída “a história única de cada um dos indivíduos, a qual, dentro de uma cultura, se constitui em suas relações pessoais”. Souza e Torres (2019), ressaltam que essa concepção está atrelada às diferenças com que as pessoas, no processo de subjetivação das experiências, geram sentidos subjetivos e configurações subjetivas específicas, mesmo que compartilhem espaços sociais comuns, como a escola, a família e o trabalho.

Os sentidos subjetivos são a expressão do caráter cultural, social e histórico da subjetividade e estão relacionados ao modo como foram vivenciadas subjetivamente as experiências (González Rey & Mitjans Martínez, 2017b). Assim, as formas simbólicas da cultura são subjetivadas de modo diferenciado por indivíduos ou grupos a partir de emoções

singulares e, somente em sua configuração subjetiva, as construções sociais se tornam motivação para ação (González Rey & Mitjás Martínez, 2017b).

Os sentidos subjetivos constituem a unidade dos processos simbólico-emocionais, um emergindo na presença do outro, sem que seja a causa (González Rey, 2003). A categoria sentido subjetivo representa a unidade básica da subjetividade, expressando a condição indissociável entre o simbólico e o emocional no curso das experiências e das ações das pessoas (Souza, 2009).

González Rey (2003) aponta que os sentidos subjetivos são inapreensíveis em suas unidades de maneira isolada. A concepção de tais unidades psicológicas tem como antecedentes os conceitos de sentido de Vigotski, definido como o conjunto dos fatos psicológicos que emergem na consciência frente à palavra (Vigotski, 2010), e de Bakhtin, com a importante concepção de que o sentido não ocorre como uma unidade isolada, mas sempre evoca a presença de outros sentidos (Bakhtin, 2002).

Os sentidos subjetivos emergem como um fluxo na nossa experiência e, segundo González Rey e Mitjás Martínez (2017a), os sentidos subjetivos dominantes de uma configuração subjetiva são inseparáveis da trama de sentidos subjetivos oriundos por ela no curso da experiência em que essa configuração se constitui. As relações e as experiências de vida têm, portanto, grande importância na produção de sentidos subjetivos, mas estes não são reflexo de processos objetivos da experiência.

Os sentidos subjetivos são produções individuais e sociais baseadas em como as construções simbólico-sociais são experimentadas por indivíduos, grupos e instituições em função de suas próprias histórias subjetivamente configuradas (González Rey, 2011; González Rey & Mitjás Martínez, 2019). Gonzalez Rey e Mitjás Martínez (2017a) apontam que os

sentidos subjetivos emergem inseridos no contexto complexo dentro do qual tem lugar a experiência real. É uma categoria que, como as demais, permite gerar inteligibilidade sobre as questões estudadas, questões que outros referenciais teóricos não permitiriam significar (González Rey, 2005).

Outra categoria de grande relevância na Teoria da Subjetividade é a de configuração subjetiva. Assim como sentidos subjetivos, tem grande valor heurístico, permitindo “compreender e explicar processos presentes nas diferentes expressões e ações humanas que integram, em termos subjetivos, aspectos muito diversos da experiência da pessoa presentes na configuração subjetiva de suas expressões atuais” (González Rey, 2005, p. 30).

Esta representa um momento de auto-organização na expressão caótica dos sentidos subjetivos durante uma experiência vivida (Gonzalez Rey e Mitjans Martínez, 2017a). Essas configurações não são o somatório de sentidos subjetivos, mas “aparecem como uma formação subjetiva geradora de sentidos que têm certa convergência entre si e que representam um dos elementos essenciais dos estados afetivos hegemônicos da pessoa no curso de uma experiência” (Gonzalez Rey & Mitjans Martínez, 2017a, p. 52). As configurações são sistemas em movimento e não representam totalidades, o indivíduo é sujeito ativo de sua subjetividade, toma caminhos e decisões que, por sua vez, geram novos sentidos subjetivos (Gonzalez Rey & Mitjans Martínez, 2017a, 2019).

Uma configuração subjetiva pode constituir uma força motriz geradora de desenvolvimento subjetivo quando são produzidos recursos subjetivos que possibilitam mudanças significativas diferentes áreas da vida (González Rey, Mitjans Martínez, Rossato & Goulart, 2017). Conforme Rossato e Assunção (2020, p.47), o desenvolvimento subjetivo “se dá quando novas produções, geradas no tensionamento das ações e relações vividas, ganham

força e relativa estabilidade, possibilitando reconfigurações no sistema e abrindo caminhos qualitativamente diferenciados de produção subjetiva”.

Mudanças objetivas em diferentes momentos da vida podem gerar desconforto e tensionamentos toleráveis pela capacidade de produzir, diante dessas experiências, novas configurações subjetivas que podem estar associadas a novos momentos de desenvolvimento subjetivo (González Rey & Mitjans Martínez, 2017b). Importante destacar que o desenvolvimento subjetivo não se explica por uma situação externa desencadeadora, mas é um processo contraditório, irregular, que poderá ocorrer ao longo das mais diversas situações e experiências ao longo da vida dos indivíduos, grupos ou mesmo instituições (González Rey & Mitjans Martínez, 2017b).

Assim, o desenvolvimento subjetivo está relacionado ao movimento contínuo de novos sentidos subjetivos e novos recursos subjetivos capazes de impactar, de gerar rupturas e construções no sujeito (Rossato & Mitjans Martínez, 2013). Os sentidos subjetivos e os recursos subjetivos são processos diferentes, que podem interagir e constituir um ao outro de forma recursiva, sendo constituídos na história de vida da pessoa (Mitjans Martínez, 2019). São exemplos de recursos subjetivos a capacidade de reflexão, a criatividade e a imaginação (Mitjans Martínez & González Rey, 2017).

Segundo González Rey e Mitjans Martínez (2017b), o desenvolvimento subjetivo implica a produção de configurações que possam gerar processos subjetivos em diferentes áreas da vida de uma pessoa. Assim, as formas de desenvolvimento subjetivo são múltiplas, mas sempre relacionadas a emergência de recursos subjetivos e de configurações subjetivas associadas a diferentes áreas da vida (Mitjans Martínez & González Rey, 2019).

Nesse sentido, uma configuração subjetiva que desencadeia processos de desenvolvimento subjetivo está associada a emergência do agente ou do sujeito, ou seja, indivíduos ou grupos que se posicionam ativamente no curso de uma experiência (González Rey & Mitjans Martínez, 2017b). Segundo Rossato e Mitjans Martínez (2013, p. 290), “compreender as fronteiras entre mudança e desenvolvimento da subjetividade requer um olhar sensível do pesquisador, amparado por um rigor teórico que lhe possibilite produzir inteligibilidade em meio à complexidade humana e seus processos evolutivos”.

Nesse sentido, o agente e de sujeito são indivíduos ou grupos que se posicionam ativamente no decorrer da experiência (González Rey & Mitjans Martínez, 2017b). O conceito de agente e de sujeito, portanto, refere-se ao “indivíduo configurado subjetivamente, que gera sentidos subjetivos para além de suas representações, mas que, ao mesmo tempo, toma decisões, assume posicionamentos, tem produções intelectuais e compromissos, que são fonte de sentido subjetivos e abrem novos processos de subjetivação” (González Rey & Mitjans Martínez 2017a, p.72).

O agente e o sujeito emergem na experiência ou trajetória de vida e representam momentos ativos, mas o segundo, diferentemente do primeiro, abre novas vias de subjetivação que transcendem o espaço social normativo (González Rey & Mitjans Martínez 2017a). Para González Rey (2017, p. 57), o sujeito “é capaz de se posicionar e de se confrontar a partir de seus projetos, pontos de vista e reflexões pessoais, sempre que esses processos representem produções de sentidos subjetivos”. Importante destacar que o sujeito não é uma condição universal e que o indivíduo ou grupo pode ser sujeito em uma situação e não em outra (Souza & Torres, 2019).

O emergir do sujeito é essencial no processo de mudança de configurações subjetivas que foram hegemônicas, até dado momento, na forma como o indivíduo vivencia as

experiências (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a, 2017b). Uma configuração subjetiva dominante exerce uma força motriz na constituição da subjetividade, favorecendo a emergência de novos sentidos subjetivos, o que pode ou não viabilizar a emergência do sujeito. As pessoas e os espaços microssociais “podem desenvolver produções subjetivas alternativas às formas ideológicas hegemônicas, que se subordinam, por sua vez, a outras produções simbólicas dentro dessa realidade social. Nesse processo, tais indivíduos e espaços microssociais tornam-se sujeitos de mudança e resistência” (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a, p. 65).

## **OBJETIVOS DA PESQUISA**

### **Objetivo Geral**

Compreender como a condição de ser estudante universitário está configurada subjetivamente para estudantes que ingressaram pelo sistema de cotas.

### **Objetivos Específicos**

1. Identificar como os estudantes que ingressaram pelo sistema de cotas se mobilizam diante dos tensionamentos gerados nas experiências no curso da trajetória escolar, nas interações com familiares, pares, escola, universidade e em outros contextos;
2. Analisar como os recursos subjetivos produzidos na história de vida dos estudantes do sistema de cotas se entrelaçam na produção da subjetividade individual do estudante no enfrentamento das contradições e tensões da subjetividade social da universidade;
3. Identificar a emergência do agente e do sujeito no processo de enfrentamento das contradições e tensões vividas pelos estudantes que ingressaram pelo sistema de cotas.

## **METODOLOGIA**

A metodologia construtivo-interpretativa (MCI) foi utilizada para compreendermos como a condição de estudante universitário está configurada subjetivamente para estudantes que ingressaram pelo sistema de cotas na Universidade de Brasília. Assim como a MCI, a Epistemologia Qualitativa e a Teoria da Subjetividade constituíram o aporte para o desenvolvimento da pesquisa.

A EQ e seus desdobramentos na MCI tem como princípios centrais o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, a legitimação do singular na produção do conhecimento científico e a pesquisa como processo dialógico de comunicação. O posicionamento metodológico se constitui por um processo dialógico orientado ao envolvimento ativo dos participantes da pesquisa, condição essencial para que os sentidos subjetivos possam emergir no processo. A proposta se configura como uma epistemologia da construção e não da resposta. (González Rey, 2010, 2014; González Rey & Mitjans Martínez, 2019).

Na MCI, os casos são abordados como estudo de casos, sem ter uma correlação com os procedimentos e protocolos da pesquisa de estudo de caso. Na pesquisa com base na Teoria da Subjetividade, a relevância do estudo de caso se dá pelo fato de que cada indivíduo traz de forma singular a sua experiência vivida contribuindo para a construção de um modelo teórico em desenvolvimento, que gere inteligibilidade sobre os sentidos subjetivos e as configurações subjetivas produzidas pelos estudantes na condição de cotistas. E para tanto, a compreensão da configuração subjetiva do estudante ingressante pelo sistema de cotas realiza-se por meio da interpretação e construção das informações singulares de cada caso, com os significados que o pesquisador produz a partir das expressões dos participantes, levando-se em conta que os participantes não têm consciência do que produzem subjetivamente.

O processo de construção da informação se baseia na elaboração de hipóteses, ou conjecturas, pelo pesquisador no curso da pesquisa, que surgem dos indicadores abertos pelo próprio pesquisador no processo de construção da informação. Os indicadores representam os significados gerados pelo pesquisador, interpretações sobre as informações, não estando, portanto, sujeitos ao material empírico explícito, ou seja, nas falas diretas dos participantes (Rossato & Mitjans Martínez, 2018). A relação entre indicadores e hipóteses conduz à construção teórica sobre o tema estudado, trazendo inteligibilidade sobre os possíveis sentidos subjetivos relacionados com as experiências configuradas subjetivamente na condição de estudante do sistema de cotas (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a).

O cenário social representa o espaço de desenvolvimento da trama relacional, com os momentos e emoções da relação entre o pesquisador e os participantes, possibilitando o caráter dialógico da pesquisa (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a). A imersão da pesquisadora em campo foi essencial na constituição de um espaço comunicacional de diálogos abertos entre os envolvidos, que mobilizam recursivamente e abrem novos espaços de interação (González Rey, 2017). Ressaltamos que a criação do cenário social da pesquisa é um momento criativo, e não um recurso informativo-organizativo, onde se constrói o interesse dos participantes, contribuindo com a qualidade da pesquisa (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a).

### **A Definição do Campo e a Construção do Cenário social**

A pesquisa foi realizada com dois estudantes da Universidade de Brasília que ingressaram por meio do sistema de cotas estipulado pela Lei nº 12.711/2012 para os cursos de Letras e Psicologia. O ingresso por este sistema é reservado a estudantes que cursam todo o ensino médio em escolas públicas, oriundos de família com renda per capita igual ou inferior a um salário-mínimo e meio, e estudantes autodeclarados pretos, pardos e indígenas que preenchem os requisitos anteriores.

O convite para a participação na pesquisa foi realizado em uma turma da disciplina Desenvolvimento Psicológico e Ensino (DPE) e na turma da disciplina Desenvolvimento, Aprendizagem e Interações Virtuais (Dapin). Estas disciplinas de graduação são ministradas no campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília e, no momento de realização da pesquisa, aconteciam no modelo remoto. A pesquisadora, com a autorização do corpo docente responsável, apresentou brevemente no espaço da aula a proposta de pesquisa. Ao final da apresentação foi disponibilizado o acesso a um formulário eletrônico para preenchimento pelos interessados em prosseguir no estudo (Apêndice D), respondido por cinco estudantes ao todo.

A construção das informações no campo aconteceu entre os meses de abril e agosto de 2022. Assim, considerando o contexto pandêmico brasileiro decorrente da COVID-19 e a maior segurança de todos os envolvidos, os estudantes tiveram a opção de participar da pesquisa por meio de plataforma de encontros virtuais ou presencialmente, no campus Darcy Ribeiro. Dos cinco estudantes que preencheram o formulário, um não respondeu ao contato posterior da pesquisadora e outro informou a desistência de participar do estudo antes da realização da primeira dinâmica conversacional. Um terceiro estudante participou das dinâmicas conversacionais individuais, mas não esteve presente no encontro do grupo, sendo excluído como participante do estudo.

As dinâmicas conversacionais seguiram roteiro semiestruturado (Apêndice E). Contudo, a partir da escuta atenta das gravações de uma dinâmica conversacional e da leitura das observações registradas no diário de campo, foram feitas novas considerações, ajustes e reformulações, considerando os caminhos singulares percorridos com cada participante no processo de pesquisa. Esses momentos favoreceram o engajamento dos estudantes, a abertura de processos de reflexão e a formulação de conjecturas sobre os processos subjetivos envolvidos.

Durante a primeira dinâmica conversacional individual, os participantes realizaram a Linha do Tempo, recurso importante na construção de informações sobre a trajetória estudantil. Para tanto, os participantes foram orientados a representar num papel momentos significativos da sua trajetória estudantil, antes e após o ingresso na universidade. Em seguida, conversamos sobre o que foi produzido, o que favoreceu o diálogo e a expressão dos participantes.

Na segunda dinâmica conversacional, utilizamos o Complemento de Frase (Apêndice G), instrumento em que abordamos temas importantes para a pesquisa, como universidade, cotas, medos, sonhos e expectativas sobre o futuro. Orientamos os participantes a serem espontâneos nas respostas, favorecendo expressões livres, com o objetivo de identificar processos subjetivos (Rossato & Mitjáns Martínez, 2018).

Ao final deste segundo encontro, os participantes foram orientados a escrever para a comunidade da UnB sobre as suas experiências, sobre o que as cotas representam para eles, assim como sobre ações que a universidade poderia desenvolver para apoio ao estudante no percurso de formação. O Instrumento, denominado Carta à Comunidade Universitária (Apêndice H), foi entregue aos participantes que puderam realizar a atividade em casa e entregar para a pesquisadora no terceiro encontro.

A dinâmica conversacional em grupo constituiu-se com espaço de interação em que foi estimulado o diálogo, a discussão e o debate sobre a temática das cotas. Na ocasião, os dois participantes da pesquisa se conheceram e falaram um pouco de si. Pedimos inicialmente que cada participante se apresentasse brevemente, falando nome, curso, semestre e uma atividade que gostava de fazer e outra de que não gostava. O objetivo dessa dinâmica de apresentação foi promover um espaço descontraído e acolhedor, em que os participantes pudessem se sentir à vontade para conversar sobre as suas experiências na universidade e em outros contextos.

Em seguida foi proposta a leitura do trecho do artigo de opinião publicado em periódico semanal intitulado Boletim, produzido pela Diretoria de Divulgação e Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 2005 (Apêndice F). O texto aborda a temática das cotas de forma negativa, ressaltando valores hegemônicos como pressupostos e estereótipos de uma suposta inferioridade do rendimento acadêmico dos estudantes cotistas. A escolha do texto teve como objetivo suscitar a discussão, gerar tensionamentos e mobilizações pelos participantes.

Elaboramos um diário de campo para sistematização das atividades e registros importantes sobre as informações construídas e impressões da pesquisadora no processo de campo. Reiteramos que os instrumentos não foram utilizados de forma fragmentada, mas sim como fonte de produção de informações importantes na construção de indicadores (Rossato & Mitjans Martínez, 2018). Nas dinâmicas buscamos criar um espaço sensível e favorável a trocas significativas entre os envolvidos, criar um clima de confiança, um diálogo aberto e horizontal, e provocador no sentido de mobilizar simbolicamente e emocionalmente a produção subjetiva. A qualidade da relação entre os envolvidos na pesquisa teve importância fundamental no desenvolvimento do trabalho e construção de conhecimentos consistentes com os objetivos propostos.

Compreendemos que o processo dialógico “implica contradições, rupturas, aberturas de caminhos, onde novos processos do relacionamento aparecem associados a novas produções subjetivas dos indivíduos em diálogo (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a, p. 29)”. Nesse sentido, o diálogo foi muito significativo no desenvolvimento da pesquisa, permitindo conduzir os participantes do estudo a campos significativos de sua experiência pessoal (González Rey, 2016).

Utilizamos como recursos materiais um gravador digital, papel, canetas e lápis. Reiteramos o devido respeito e sigilo às informações e aos conteúdos confiados no decorrer da

pesquisa e a observância de preceitos éticos fundamentais estabelecidos nas Resoluções nº 16, 2000; nº. 466, 2012 e nº510, 2016. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília, passo primordial para a condução responsável da pesquisa, considerando o trabalho com pessoas e os aspectos biopsicossociais envolvidos.

## **ANÁLISE, CONSTRUÇÃO DAS INFORMAÇÕES E DISCUSSÃO**

### **Contextualização do trabalho de campo**

O estudo visa compreender como a condição de ser estudante universitário está configurada subjetivamente para estudantes que ingressam pelo sistema de cotas. Para tanto, na análise construtivo-interpretativa buscamos caracterizar como os estudantes são mobilizados frente aos tensionamentos gerados nas experiências no curso de suas interações com seus familiares, pares e professores nos espaços sociorrelacionais da escola, universidade e em outros contextos e experiências. Analisamos, inclusive, como a subjetividade social está configurada na dimensão subjetiva dos estudantes que fazem parte do sistema de cotas no âmbito da universidade.

Na análise construtivo-interpretativa buscamos compreender como a história de vida e a trajetória de estudante entrelaçam em dinâmicas sociais e individuais, nas ações realizadas, nas interações relacionais, nos caminhos que escolheu trilhar e nos tensionamentos sociais e afetivos vividos no ingresso pelo sistema de cotas e na permanência na universidade. E como essas dinâmicas, enquanto produções subjetivas de ambos os níveis, social e individual, o configuram subjetivamente na condição de estudante universitário.

Nessa direção, buscamos analisar como os recursos subjetivos produzidos na história de vida dos estudantes se entrelaçam na produção da subjetividade individual do estudante no enfrentamento das contradições e tensões da subjetividade social da universidade. Buscamos identificar ainda a emergência do agente e do sujeito no processo de enfrentamento das contradições e tensões no curso de suas experiências, considerando a capacidade geradora de indivíduos e grupos sociais dentro de realidades simbólicas compartilhadas, que favorece a abertura de novas vias de subjetivação, desdobrando em mudanças subjetivas e, possivelmente, no desenvolvimento subjetivo (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a).

Vale destacar que, na Epistemologia Qualitativa, o conhecimento tem caráter construtivo e interpretativo, sendo “um processo de construção que encontra sua legitimidade na capacidade de produzir, permanentemente, novas construções no curso da confrontação do pensamento do pesquisador com a multiplicidade de eventos empíricos coexistentes no processo investigativo” (González Rey, 2005, p. 7). A pesquisa constitui-se como espaço sociorrelacional, em um processo de comunicação e dialogicidade fundamental na interação pesquisador e participante para a emergência da subjetividade e do sujeito (González Rey & Mitjáns Martínez, 2017a). Ressaltamos que a legitimação do singular na produção do conhecimento, marcada pela história e pelo contexto em que o sujeito está inserido, apresenta um aspecto primordial a ser considerado, pois compreende este sujeito em sua forma única e diferenciada da constituição subjetiva (González Rey, 2005).

Iniciamos com a breve apresentação dos participantes, seguida da análise construtivo-interpretativa organizada por objetivos da pesquisa, com destaque para os indicadores e as hipóteses geradas na dinâmica da trama da vida social implicada na configuração subjetiva de estudantes ingressantes do sistema de cotas.

### **Caso Elis**

A estudante Elis tem 24 anos de idade e no momento de realização da pesquisa estava regularmente matriculada no último período de um curso de licenciatura da Universidade de Brasília. Elis é a primeira da família a entrar para a Universidade, seus pais foram alfabetizados já adultos e vieram para Brasília de cidades pequenas localizadas no interior do Piauí e de Minas Gerais. Os seus pais trabalham como prestadores de serviços na área de limpeza: a mãe como empregada doméstica e o pai como auxiliar de serviços gerais. Elis cresceu neste contexto sociocultural valorizado pelos pais como um trabalho honesto, com registro na carteira de trabalho.

A participante cursou o ensino fundamental e médio na rede pública de ensino do Distrito Federal. Após outras tentativas de cursar a universidade, é aprovada no vestibular da UnB e ingressa no curso de Letras no segundo semestre de 2017 por meio das cotas estipuladas pela Lei 12.711/2012, nas vagas destinadas a pessoas com renda familiar per capita de até um salário-mínimo e meio, não PPI (Pretos, Pardos e Indígenas).

Na pesquisa os momentos conversacionais com Elis iniciaram-se na primeira semana de julho do ano de 2022 e aconteceram ao longo de sete semanas. Foram realizados dois encontros individuais por meio de plataforma de videoconferência e um encontro presencial no campus Darcy Ribeiro, que reuniu os dois participantes deste estudo.

As dinâmicas conversacionais individuais (DC), a dinâmica conversacional em grupo (DCG), a linha do tempo (LT), o complemento de frases (CF) e a elaboração da carta à comunidade universitária (CCU) auxiliaram na compreensão de como a condição de estudante universitária está configurada subjetivamente, além dos demais objetivos propostos. Os momentos conversacionais se constituíram no cenário social da pesquisa, caracterizado por respeito e confiança, o que favoreceu as diversas formas de expressão de Elis, tendo grande importância para as construções interpretativas por parte do investigador.

### **Objetivo 1 - Mobilizações diante dos tensionamentos gerados nas experiências no curso das interações com familiares, pares, escola e em outros contextos.**

A participante expressou motivação e interesse nas dinâmicas conduzidas durante a pesquisa e, na primeira atividade, a linha do tempo, ela criou o cronograma detalhado de sua trajetória de vida enquanto estudante, vinculada às suas vivências familiares até o ingresso na UnB. O seu pai, criado em uma cidade do interior do Piauí, teve pouco acesso à educação. Ele retoma os estudos na época em que Elis era adolescente, o que impacta afetivamente a relação deles. A participante expressa com entusiasmo que, no período em que este cursava o supletivo, auxiliava o pai nas tarefas escolares e define a si mesma como professora dele: *eu tava na sexta*

*série ensinando coisas da quarta série pro meu pai. Eu era professora dele, eu era professora do meu pai!* (DC-1, Elis, 2022).

Em outros momentos da conversação, Elis também fala das suas brincadeiras com coisas que ganhava do pai, como as pranchetas de madeira:

*Meu pai, como ele trabalhava com serviços gerais, ele retirava o lixo e achava muita coisa divertida (...). Uma das coisas foi isso. Ai eu tinha duas e fazia como se fosse o meu quadro e ficava brincando de dar aula (...). Eu lembro que ele trazia livros também. Nossa, que lembrança boa! Eu lembro que eu tinha um livro com músicas. Esse livro era muito bom! Ai foi nesse livro que eu descobri aquela música Maria, Maria, acho que é da Elis Regina. E eu não sabia que era uma música, eu sempre lia como um texto e eu dava aula com esse texto. Depois, acho que na adolescência, no ensino médio, eu descobri que isso era uma música!* (DC-1, Elis, 2022).

Neste momento da infância, o brincar de Elis se dá como um exercício de sua imaginação em um contexto familiar de proximidade com o outro social. Nas suas expressões, o pai ocupa um espaço sociointeracional, caracterizando-se como um interlocutor significativo, o outro social, que provoca, que pode trazer contradições entre o dito e o não dito, entre o feito e o pensado, e que pode constituir, ao longo das relações, processo de compreensão mútua, de construção do vínculo, bem como de conflitos ou constrangimentos difíceis de serem resgatados (Tacca, 2019). Há também um carácter emocional dentro dessa relação que a leva a ser um campo de subjetivação permanente na história da Elis.

Já no período em que estava concluindo o ensino médio, Elis expressa preocupações e desejos relacionados à sua ocupação profissional: *eu precisava fazer alguma coisa, a minha mãe era empregada doméstica, o meu pai o mesmo serviço* (DC-1, Elis, 2022). Em outro trecho: *eu tava com vontade de fazer alguma coisa, de estudar, sabe, porque senão eu vou ser*

*empregada doméstica igual a minha mãe* (DC-1, Elis, 2022). O seu pai, contudo, a direciona para desempenhar as mesmas atividades deles: *quando eu terminei o ensino médio o meu pai conseguiu um apartamento para eu ser empregada doméstica e ter trabalho fichado, porque para pobre ter trabalho fichado é tipo um sonho de princesa* (DC-1, Elis, 2022).

Elis se emociona ao relembrar a decisão de não aceitar a vaga de emprego, expressando o conflito de valores que se estabeleceu com a família, sobretudo com o pai, que não apoia a decisão e manifesta a sua decepção, distanciando-se da filha. Por este motivo, ela alega que desde esta época: *a relação com o meu pai é ruim até hoje, mas como eu trabalho, tenho um pouco de grana do meu estágio, ele fica na dele* (DC-1, Elis, 2022). Os valores de Elis entram em contradição com os da família, constituindo em dilemas e sentimentos de decepção: CF-23: *Me decepcionei quando... Não honrei de onde vim, a profissão dos meus pais e todo o meu corre para estar onde estou.*

Na perspectiva de Elis, o trabalho dos pais é a fonte de subsistência de sua família, o que possibilita o acesso à alimentação, moradia, transporte e, dentre outros, possibilita que ela frequente a escola e que também consiga se manter na universidade. A representação do trabalho dos pais para Elis, configurada subjetivamente, se expressa pela desvalorização e estigmatização do trabalhador: *é muito difícil pobre pensar em ter ensino superior, precisa de trabalhar, precisa de ter dinheiro rápido, vira mão de obra barata, não tem tempo de pensar nada, tem que só fazer a coisa, né.* (DC-1, Elis, 2022).

As experiências em curso e na história de vida de Elis formam um sistema dinâmico, complexo que participa da subjetividade social da família. A tessitura das informações nos permite abrir **o primeiro indicador que expressa os tensionamentos e os conflitos entre os valores da família e a desejabilidade de seguir outro caminho.**

Ao optar por cursar a universidade, Elis ingressa em cursinhos preparatórios voltados a pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Segundo ela, como as vagas eram

limitadas, foi preciso fazer prova e entrevista de seleção. *Eu só sei que eu consegui passar e até hoje eu não sei como (...), porque eu acho que eles escolheram as pessoas que tinham menor nota, deve ter sido isso* (DC-1, Elis, 2022). No semestre seguinte, Elis precisa recorrer mais uma vez a cursinhos populares, uma vez que não foi aprovada no vestibular. Participou novamente de seleção e conseguiu bolsa de estudos. Ao falar sobre a conquista, não reconhece a sua capacidade e se questiona: *tinha muita gente fazendo essa prova, eu não sei, eu acho que o filtro era esse: as piores notas passavam. E eu consegui também não sei como* (DC-1, Elis, 2022).

Há uma produção de sentidos subjetivos que formam parte de uma configuração subjetiva de sua própria desvalorização como candidata do processo seletivo, o que pode também estar relacionado com produções da subjetividade social que costumam inferiorizar as pessoas oriundas de espaços sociais menos favorecidos. Mesmo com essa confrontação, ela se mantém firme realizando ações para efetivar seu ingresso à UnB.

No trecho seguinte fala de sua aprovação no vestibular, que se deu após um ano de estudos preparatórios: *saiu o resultado do vestibular e eu fui só olhar, porque lógico que eu não tinha passado. Mas aí eu vi lá o meu nome e eu ri porque eu passei!* (DC-1, Elis, 2022). Mesmo sendo aprovada nas seleções dos cursinhos e no vestibular da UnB, Elis não reconhece as suas capacidades e potencial de realização.

Na sua trajetória enquanto universitária e participante do sistema de cotas, Elis expressa sentidos subjetivos de que o seu ingresso não se dá por suas próprias capacidades e merecimento. *Não era para eu estar aqui, essas pessoas que estão aqui elas são inteligentes, elas realmente tiraram nota no vestibular. Eu estou aqui foi na sorte, eu não sei o que eu tô fazendo aqui. Assim, como que eu caí nesse lugar?* (DC-2, Elis, 2022). No CF-27: Quando eu faço coisas da faculdade eu... *Geralmente me sinto desafiada, como se eu não fosse capaz.*

O que Elis expressa sobre as suas capacidades intelectuais deve ser pensado como uma produção de sentidos subjetivos em relação a si mesma, articulada a uma produção de sentidos subjetivos desenvolvida nos diferentes espaços da vida do sujeito (González Rey & Mitjans Martínez 2017a). Essas informações permitem construir **o segundo indicador da produção de sentidos subjetivos relacionados à falta de confiança em suas capacidades intelectuais.**

Ao longo dos dois primeiros semestres da graduação, Elis evita fazer amizades e participar de eventos sociais. *Na recepção de calouros eu nunca fui, eu saía, eu fugia de todo mundo. Tanto é que nos primeiros anos eu acho que quase fiquei com depressão, porque foram anos muito solitários* (DC-1, Elis, 2022). Num outro momento de conversação, expressa: *eu tinha muita dificuldade de me relacionar, porque eu não queria me expor, tipo assim, falar de mim, onde eu morava, o que eu vivia. Eu achava que devia manter essas informações em segredo, porque era perigoso me expor, sabe, para pessoas estranhas* (DC 2, Elis, 2022).

A configuração subjetiva da inferiorização não é só pelo intelectual, mas também pelas questões da classe social e seus capitais simbólicos produzidos. Como mencionado, Elis vem de família da classe trabalhadora, para a qual o ingresso à universidade representa um espaço-tempo distante da sua realidade social. Santos (2019), ao pesquisar o discurso sobre as cotas e a ampliação do acesso ao ensino superior no Brasil, ressalta que é recente a chegada à universidade de grupos que historicamente tiveram limitados ou mesmo negados o acesso à educação. Segundo a autora, no debate sobre as cotas, um dos argumentos contrários à sua implementação de grande adesão da população, inserida ou não em meios acadêmicos, está relacionado à meritocracia e à desqualificação dos estudantes cotistas.

A subjetividade social dos espaços sociorrelacionais da universidade, que se configura subjetivamente a partir de outras esferas, participa da produção subjetiva de Elis enquanto estudante. Segundo González Rey e Mitjans Martínez (2017a, p. 65), “as produções simbólicas sociais aparecem configuradas nos sentidos subjetivos produzidos pela configuração subjetiva

singular dos agentes da experiência, bem como pelas múltiplas configurações subjetivas sociais que coexistem na trama social aparentemente homogênea.”

A chegada de Elis à universidade produziu conflitos e sentimentos de não adequação ao ambiente universitário, o que não a permitiu aprofundar nas relações sociais com outros membros da comunidade universitária. *Eu me sentia num dos piores lugares do mundo, sério. Eu ia para a universidade e me dava vontade de chorar, (...) eu me sentia totalmente só e foi muito difícil mesmo* (DC-1, Elis, 2022). No fragmento selecionado, Elis expressa que, no começo da graduação, não costumava participar das aulas:

*Eu perguntava bem pouco, sabe, eu filtrava muito para falar e eu só queria responder perguntas dos professores se eu tivesse certeza que era certo, de que eu estava certa. Eu tinha muita vergonha, pensava que eu falando isso ou aquilo que fosse besteira, o pessoal ia me achar uma burra* (DC-1-Elis, 2022).

No CF-1: Me sinto feliz toda vez que eu... *Sou acolhida como sou, sem necessidade de performance*. No espaço sociorrelacional da universidade, Elis expressava o receio de ser identificada em sua origem e classe social. Assim, abrimos **o terceiro indicador da produção de sentidos subjetivos de não pertencimento à universidade, mantendo-se afastada de professores e colegas de curso como forma de não expor a sua situação de vulnerabilidade social, econômica e, ainda, a vulnerabilidade que sentia em relação às suas próprias capacidades intelectuais**.

A partir dos indicadores apresentados, construímos **a hipótese de que as contradições vividas na condição de classe trabalhadora provocam uma disruptura com os valores familiares, que a levam a transgredir o sistema normativo ao ingressar na universidade por meio das cotas**.

**Objetivo 2 - Os recursos subjetivos produzidos na história de vida e como estes se entrelaçam na produção da subjetividade individual do estudante no enfrentamento das contradições e tensões da subjetividade social da universidade.**

No segundo ano de curso, a participante vivência experiências em que, na interação com o outro, o reconhecimento dos colegas de suas potencialidades abre espaço para a produção de novos sentidos subjetivos, permitindo um processo de participação mais ativo no cotidiano da universidade.

*Eu fiz um grupo com 2 pessoas (...), foi logo quando eu comecei a ter amizades, no terceiro semestre. A gente fez um grupo para uma disciplina num seminário e eu fiquei responsável pela parte do PowerPoint (...). A gente tirou nota boa, eles gostaram da minha apresentação, a professora elogiou a minha apresentação e eu fiquei assim: o que esse pessoal viu? Porque pra mim tinha ficado muito ruim. E aí depois eles mencionaram assim como tinha sido bom fazer grupo comigo, eles: massa, você é ótima, foi muito bom fazer grupo com você, legal. Aí eu fiquei... Nossa, sério, isso mexeu muito comigo. Aí depois outras pessoas começaram a me perguntar quando tinham dúvida da matéria, ter alguma dúvida na ementa, e eu o ficava: gente, porque essas pessoas estão perguntando pra mim? Tem tanta gente que sabe, pergunta para alguém que sabe, eu, logo eu? (DC-2, Elis, 2022).*

Vimos nessa construção que Elis inicia a sua trajetória na universidade não se permitindo constituir relações sociais e vivendo situações de sofrimento. Contudo, no curso de sua experiência, são produzidos recursos subjetivos que permitiram mudanças qualitativas nas relações com os colegas: *aí eu fui percebendo, cara, eu acho que eu sou inteligente, sabia? Eu acho que não é loucura desse pessoal não* (DC-2, Elis, 2022). O reconhecimento social de colegas e professora, como recurso subjetivo que provoca a Elis para gerar outros processos de subjetivação.

A participante se posiciona de forma mais ativa na construção de caminhos alternativos que a permitissem ir adiante, buscando realizar-se no espaço da universidade, reconhecendo as suas potencialidades e empoderando-se de suas escolhas de vida: *eu sinto que eu tenho ritmo, força e várias relações com o mundo, com o conhecimento, com pessoas e realidades diversas* (DC-2, Elis, 2022). Uma configuração subjetiva da inferiorização, que seria uma produção aparentemente negativa, se torna em um recurso que promove novos processos subjetivos que levam Elis a romper com suas próprias cristalizações subjetivas. Mesmo com processos contraditórios, a participante não se vitimiza e se esforça para ser reconhecida como uma aluna que se destaca.

Os espaços sociais participam da configuração da subjetividade individual, de acordo com os diferentes contextos em que a pessoa está inserida (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a). *Graças ao espaço que a UnB me deu e ao espaço que eu também tô criando lá, foi possível ter várias oportunidades, tipo assim, várias possibilidades* (DCG, Elis, 2022). Tal processo também é favorecido pela subjetividade social dos espaços universitários. Sem a professora que realize elogios, sem colegas que a reconheçam, não seria tão viável ela subverter sua configuração subjetiva dominante da inferiorização. **Abrimos o quarto indicador de que a universidade, tendo como base principalmente as relações construídas neste contexto, constitui-se como um espaço social importante para a produção de recursos subjetivos pela estudante, abrindo novas alternativas em sua vida.**

Os recursos subjetivos gerados pela participante tiveram implicações em como ela se posicionava perante a sua própria vida, engajando-se em atividades coletivas e buscando interagir mais com seus pares. Segundo Mitjans Martínez (2022, p. 54), “nível de reflexão, implicação pessoal, segurança, autoconfiança, melhoria na comunicação com outras pessoas” são exemplos de recursos subjetivos.

Nos complementos de frase, as ações intencionais de interação com os colegas são expressas:

CF-2: Quando estou na universidade eu gosto de... *Aprender com colegas de outros cursos.*

CF-16: Quando não consigo entender um conteúdo eu... *Partilho com algum colega. Às vezes o outro tá tão desesperado quanto eu, e eu julgando que era a única!*

No curso de suas interações com os colegas, Elis produz novos sentidos subjetivos ao reconhecer que estes também enfrentavam dificuldades e desafios no decurso de suas experiências enquanto universitários. *Em trabalho em grupo eu aprendi que o outro tem o tempo dele (...), que o outro tem outras demandas, que o outro tem dificuldade de comunicar, assim como eu tive, que o outro tem medo, tem insegurança* (DC-2, Elis, 2022).

A participante expressa preocupações em compreender os colegas que estão em situação semelhante, como no trecho: *se a pessoa não cumpriu o prazo, eu penso que tem imprevistos, a pessoa tá cansada, tem outras disciplinas que também sugam a alma. Às vezes a pessoa precisa trabalhar, passou três horas no ônibus pra chegar* (DC-2, Elis, 2022). O reconhecimento do outro constitui a produção simbólico-emocional do reconhecimento das suas próprias dificuldades e capacidades. Abrimos **o quinto indicador dos recursos subjetivos de autoconfiança, implicação pessoal e melhoria no comunicar-se com os outros, gerados nas interações na universidade.**

Interpretamos que, articulados aos sentidos subjetivos anteriormente apresentados, os recursos subjetivos produzidos na história de vida da estudante se entrelaçavam na produção da sua subjetividade individual no enfrentamento das contradições e tensões da subjetividade social da universidade. Nesse sentido, construímos **a hipótese de que o reconhecimento de si e dos colegas geram recursos subjetivos que mobilizam o sentimento de pertencimento à universidade.**

### **Objetivo 3 - A emergência do agente e do sujeito no processo de enfrentamento das contradições e tensões**

Relatando uma experiência vivenciada na universidade, Elis expressa que estava se sentindo sobrecarregada, pois havia assumido muitos compromissos com disciplinas e projetos. Em conversa com uma amiga: *e aí ela perguntou assim, o que você quer? Aí eu: uai, eu posso escolher? Tipo assim, eu posso? E aí eu fiquei chocada, aquilo mexeu muito comigo, porque eu tava numa situação difícil, mas eu tava muito querendo encontrar soluções de fora, assim, sendo que eu poderia, eu tinha que escolher o que eu ia fazer* (DC-1, Elis, 2022).

O posicionamento de Elis de assumir responsabilidades e de se engajar em atividades na universidade integra-se em uma produção de sentidos subjetivos relacionados a uma reflexão crítica sobre a sua implicação nas suas escolhas de vida: *a coisa poderia ter acontecido, poderia ter passado e eu poderia ter feito várias coisas, sabe. Na UnB mesmo teve várias coisas, mas eu quis continuar e eu estou lá até hoje, sabe. Então assim, tem muito de mim nisso* (DC-2, Elis, 2022).

Na condição social de sua família, também expressa sentimento de orgulho e quebra de paradigmas: *eu vou ser a primeira pessoa da família, assim, da família mais próxima que eu conheço, a me formar numa universidade. E para mim, eu fico assim: nossa, isso é muito incrível, eu tô quebrando um paradigma gigante* (DC-2, Elis, 2022).

Em outro momento a participante expressa: *tem várias potencialidades no que eu sou, como eu sou e vejo as coisas. Eu vou mudando a coisa, né, vou mudando, eu como pessoa no geral, e eu acho que também potencializa a forma como eu contribuo na universidade, sabe, nos projetos que eu faço* (DC-2, Elis, 2022). **Geramos o sexto indicador Elis se expressa nos sentidos subjetivos de pertencimento e de possibilidades de atuação e contribuição pessoal para a universidade.**

Vimos nesta construção que, na trama das experiências de Elis, há um núcleo de sentidos subjetivos em relação à universidade, em cuja configuração está presente o reconhecimento desta como um espaço importante de crescimento e transformação. No instrumento escrito CF-22: *O ensino superior é... Uma nova faceta! Sinto como se fosse uma nascente. A partir do momento que tive e tenho a oportunidade do ensino superior de qualidade, numa universidade pública, é como se essa nascente se transformasse em um rio.* Em outro momento da conversação: *eu estou lá e eu não sou só universitária, né, eu sou universitária, mas (...) eu sou filha da minha mãe, prima de não sei de quem, amiga de não sei de quem, namorada de ciclano e revisora de textos, professora de não sei o que, mãe da minha cachorra Duquesa. Eu sou tudo isso* (DC-2, Elis, 2022).

Elis expressa a sua responsabilidade com as escolhas que toma em relação à própria vida. *Eu realizei meu sonho de ser careca, porque eu descobri que era um sonho, mas na época da escola isso nunca passaria na minha cabeça. Hoje eu sou cheia de tatuagem, tenho piercing e eu amo a pessoa que eu sou* (DC-1, Elis, 2022). O sujeito representa aquele que abre uma via própria de subjetivação e exerce opções criativas no decorrer das suas experiências (González Rey & Mitjás Martínez, 2017a). **Abrimos o sétimo indicador da emergência do sujeito gerado pelos novos sentidos subjetivos que reconfiguram subjetivamente a condição de estudante universitária cotista, ampliando para outros papéis sociais, sem negar sua origem e sua classe social.**

Os processos subjetivos que integram a configuração subjetiva de Elis participam da construção da **hipótese de que o desenvolvimento de recursos subjetivos abriu vias para novas experiências na universidade e em outros contextos de sua vida**, o que, na Teoria da Subjetividade pode ser entendido como desenvolvimento subjetivo. Esta hipótese encontra fundamento ainda na compreensão de que a emergência do sujeito se dá num processo de desenvolvimento subjetivo (González Rey & Mitjás Martínez, 2017b).

No decurso da graduação, embora as situações contextuais não tenham sido modificadas de forma expressiva, percebemos processos de transformação em decorrência de recursos próprios de Elis, possibilitando que esta vivenciasse as experiências na universidade e em outros contextos de sua vida de forma diferente. Compreendemos que a decisão de Elis por cursar a universidade e de se manter no curso estava relacionada a uma dinâmica subjetiva complexa, a qual integrava um sistema simbólico e emocional relacionado a sua história de vida e experiências em momentos diversos, anteriores ao seu ingresso na universidade.

O ingresso na UnB foi nutrido pela desejabilidade de seguir outro caminho para a sua profissionalização, diferente da orientação e profissão dos seus pais. Na Teoria da Subjetividade, as produções subjetivas ocorrem nos diferentes espaços e contextos, como família, rede de amigos, trabalho, estudos universitários, e se articulam constantemente com produções subjetivas originárias de diversos contextos e momentos (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a).

Vimos inicialmente a produção de sentidos subjetivos de não pertencimento à universidade no início da graduação, expressos pela dificuldade de interagir com colegas e professores como forma de autopreservação num ambiente em que historicamente pessoas pobres, moradoras de regiões periféricas e oriundas de escolas públicas foram excluídas. Ao longo de sua trajetória de vida, valores hegemônicos da subjetividade social da família, da universidade e da sociedade produziram contradições que tensionaram a subjetividade individual de Elis.

Construímos inteligibilidade compreendendo que a condição de estudante universitária estava configurada subjetivamente no espaço-tempo de sua chegada à universidade e nos primeiros semestres como um movimento de invisibilidade, para não expor sua vulnerabilidade e sua condição de classe social. *Eu cheguei aqui foi na sorte (...). Eu ficava oprimida, sabe, não podia ser descoberta* (DC-2, Elis, 2022). No decurso da graduação, mudanças significativas

ocorreram, reconfigurando a condição de estudante do ensino superior caracterizada pela emergência do sujeito que assume sua posição ativa, criativa e identitária, de pertencimento social e acadêmico à universidade. *Não tem como a universidade ser a mesma. Cada pessoa fazendo uma coisa, vivendo la, né... Porque a gente é a universidade!* (DC-2, Elis, 2022).

Os recursos subjetivos gerados nas experiências de Elis abrem novas possibilidades e potencialidades de mudanças, transformando socialmente e historicamente a sua trajetória de vida atual e futura. *O futuro a gente vai descobrir, né. O que eu gosto de fazer, uma coisa muito boa que eu acho é descobrir coisas novas, essa felicidade de descobrir coisas novas na universidade e na vida né, eu gosto muito disso* (Elis, DCG, 2022).

Um dos valores heurísticos da Teoria da Subjetividade está na compreensão de que as produções subjetivas podem ser constantemente construídas e reconstruídas por meio de ações específicas. No caso de Elis, um processo de mudança subjetiva importante pôde ser observado ao longo da sua trajetória, destacando sua capacidade em gerar novos espaços de subjetivação dentro dos contextos normativo-institucionais em que estava inserida.

Compreendemos que houve uma mudança na configuração subjetiva da sua condição enquanto estudante universitária, com a produção de sentidos subjetivos de pertencimento à universidade e de reconhecimento de suas potencialidades, sem negar sua história de vida, pelo contrário, valorizando a sua origem e classe social. No contexto da TS, a mudança subjetiva relaciona-se à mudança de uma configuração subjetiva específica (Mitjans Martínez & González Rey, 2019). Contudo, as mudanças na configuração subjetiva da condição de estudante universitário foram se constituindo como uma configuração subjetiva de desenvolvimento, isto é, as mudanças na configuração subjetiva de ser estudante foram se desdobrando em mudanças em outras áreas da vida dela, como exemplo, a identidade profissional, representando, portanto, um processo de desenvolvimento subjetivo.

## **Caso Fernando**

Os momentos conversacionais com Fernando iniciaram-se na segunda semana de julho do ano de 2022 e aconteceram ao longo de seis semanas. Foram realizados dois encontros individuais e um terceiro encontro que reuniu os dois participantes deste estudo, todos no campus Darcy Ribeiro. Fernando tem 22 anos de idade e ingressou no curso de Psicologia da Universidade de Brasília no ano de 2020, durante a pandemia da COVID-19. Natural da região norte do Brasil, migra para Brasília após aprovação no vestibular da UnB. Reside por três meses com parentes em uma região administrativa do Distrito Federal. Após ser integrado à assistência estudantil, passa a morar na Casa do Estudante Universitário (CEU). Em sua família, ele foi o primeiro a entrar para a universidade, tendo ingressado por meio das cotas estipuladas pela Lei 12.711/2012, nas vagas destinadas a pessoas com renda familiar per capita de até um salário-mínimo e meio, PPI.

### **Objetivo 1 - Mobilizações diante dos tensionamentos gerados nas experiências no curso das interações com familiares, pares, escola e em outros contextos.**

Fernando cursou o ensino fundamental e médio na rede pública de ensino e, após concluir o ensino médio, ingressa no mercado de trabalho, exercendo atividades diversas no comércio local. Em sua relação com o primeiro trabalho exercido, ele constrói uma representação de exploração das pessoas que ocupam postos de trabalho de baixa qualificação: *quando você trabalha, você percebe o sistema de trabalho no país, principalmente cargos baixos, você é explorado. Quanto mais baixo o cargo de trabalho mais explorado tende a ser* (DC 1, Fernando, 2022).

No curso de suas experiências, Fernando vivencia as condições de desigualdade social implicadas no mercado de trabalho para pessoas com baixa qualificação e expressa a

desejabilidade de buscar outras alternativas para a sua vida. *Quando deu um ano eu fiquei pensando não posso passar mais um ano disso. Ai eu comecei a pensar em psicologia, mas assim, quase como um hobby, porque psicologia e medicina era uma coisa que não passava pela minha cabeça, eu pensava assim que não era para o tipo de pessoa que eu sou* (DC 1, Fernando, 2022).

Há um movimento contraditório que se expressa nos significados e sentidos subjetivos construídos sobre o prestígio do curso de psicologia e o favorecimento de pessoas de condição social diferente da dele: *é curso para pessoas com outras condições de vida, outra realidade. Psicologia é pra eles que tem tempo de fazer cursinho, de fazer mil coisas* (DC 1, Fernando, 2022). Essa outra condição de vida, outra realidade social, exclui a ele, seus pares e familiares, que não pertencem a este núcleo de privilegiados, como ele expressa:

*Sempre tem aquela questão, que é um discurso que a gente ouve muito no dia a dia, das pessoas que são de núcleos que não tem ensino superior, por exemplo, você ter pais, tios, amigos, todos na sua vizinhança que não tem ensino superior, sempre tem aquele discurso: ah porque é ensino superior é para outro tipo de gente, é para o filho do patrão, não é para a gente* (DC 2, Fernando, 2022).

As expressões revelam como a subjetividade social construída sobre o significado de classe social e de privilégio no acesso ao ensino superior tensionam o participante, gerando novos sentidos subjetivos expressos na sua subjetividade individual. Essa dinâmica e a gênese nos processos de subjetivação nos permitiram abrir **o primeiro indicador de que os significados e sentidos subjetivos construídos sobre o ensino superior produzem sentidos subjetivos mobilizados simbólica e emocionalmente pelo sentimento de não pertencimento a essa realidade.**

Na produção simbólica emocional, o participante tensiona o seu sistema configuracional, provocado por uma inquietação geradora de novos sentidos subjetivos que o posicionam na busca de estratégias para ingresso no ensino superior. *Foi no canal de um professor que explicava coisas de vestibular, ENEM, edital e todas essas coisas. Aí eu vi e fui correr atrás* (DC 1, Fernando, 2022).

Fernando pede demissão do emprego e passa a se dedicar aos estudos preparatórios. Como não tinha condições financeiras para se matricular em cursinhos, busca materiais na internet e utiliza apostilas de uma biblioteca pública próxima à sua residência: *tinha lá o material da biblioteca, eu ia todo dia pra lá. Também assistia muitos vídeos de professores sobre as matérias do vestibular* (DC 1, Fernando, 2022). Em outro momento, Fernando expressa: *eu comecei a ver vídeos e fotos da UnB e me fiquei idealizando horrores! (...) Aí eu comecei a ver e pensei, velho, eu gosto disso, por que não arriscar? Já tô na lama mesmo, pior que isso não vai ficar, vou tentar* (DC 1, Fernando, 2022).

No CF-25: Foi marcante para mim quando... *Decidi entrar para a UnB*. Embora os significados construídos sobre o ensino superior participem da produção subjetiva de não pertencimento a essa realidade, **os tensionamentos gerados nas experiências mobilizam a produção de novos sentidos subjetivos relacionados ao desejo de ingresso no ensino superior como forma de mudar a sua vida**. Esse indicador é reforçado ainda por outro fragmento destacado anteriormente: *quando deu um ano eu fiquei pensando não posso passar mais um ano disso. Aí eu comecei a pensar em psicologia* (DC 1, Fernando, 2022).

Segundo González Rey & Mitjans Martínez (2017a, p. 53), “as contradições entre aquilo que o indivíduo se propõe e os sentimentos que vão num sentido contrário é forte, porém, é a única alternativa de superação do conflito e de abrir outra trajetória de vida”. Fernando ingressa na UnB para o curso de psicologia após um ano de estudos preparatórios. Com relação ao início do seu primeiro semestre, o participante expressa questionamentos sobre a sua aprovação:

*Eu tinha uns comportamentos estranhos, tipo depois de uma semana de aula, eu já tinha feito matrícula, já tinha até vindo em aula, né. Aí eu voltei lá no resultado dos que passaram e fui ver: gente, realmente sou eu aqui? Aí eu olhava o nome e: é sou eu. Aí eu entrava no sistema da UnB para ver se tava registrado mesmo: é sou eu. Eu fiz isso várias vezes e me perguntava assim, gente se for outra pessoa? No mesmo curso, gente... e se a inscrição dele for a mesma, se tiver comido algum número aí e eu confundi e to no lugar de outra pessoa? Eu ficava nessa lombra! Aí eu olhava todas as informações, CPF, pai e mãe... é, sou eu mesmo (DC 1, Fernando, 2022).*

Fernando expressa os tensionamentos gerados nas experiências vividas na condição de classe trabalhadora e os enfrentamentos das contradições vivenciadas no curso de suas experiências. Renuncia ao emprego, se dedica aos estudos e passa no vestibular. Contudo, na produção simbólica emocional, participam sentidos subjetivos que o posicionam em busca de outras vias para a sua realização profissional e pessoal, bem como sentidos subjetivos de não pertencimento ao ensino superior. Segundo González Rey e Mitjans Martínez (2017a) a subjetividade não se define por rigidez, linearidades e constâncias, mas se dá de forma complexa e multideterminada na ruptura, na contradição e na sinuosidade. Em outro momento da conversação, o participante expressa:

*Tem pessoas que te vê como um intruso. Tipo quando a pessoa chega atrasada porque pegou várias horas de ônibus, mora muito longe, aí tem gente que fala assim: mas também você vai morar lá. É como fosse um pensamento tipo: aqui é pra quem mora perto, no plano<sup>4</sup>. Ou então se o texto tiver em inglês aí eu demoro demais para ler: o que você tá fazendo aqui se você não sabe ler? Tipo aquele olhar assim: você não sabe*

---

<sup>4</sup> Região administrativa central de Brasília, onde fica localizado o campus Darcy Ribeiro da UnB.

*e tá na universidade? Como que você não sabe isso? Sabe, tem essas coisas.* (DCG, Fernando, 2022).

Santos (2019), aponta que, no debate sobre as cotas, um dos argumentos produzidos socialmente contrários à sua implementação está relacionado à desqualificação dos estudantes cotistas. Segundo a autora, o estudante “que de alguma forma não tenha participado de contextos sociais que propiciem o desenvolvimento de gêneros privilegiados em meio acadêmico seria visto como um problema para a universidade e, portanto, inapto” (Santos, 2019, p. 19).

A subjetividade social dos espaços sociorrelacionais da universidade e de outros contextos, caracterizada como racista, classista e excludente, participa da produção subjetiva de Fernando enquanto estudante universitário. No trecho de conversação seguinte, o participante expressa as dificuldades com determinados conteúdos na universidade, o que tem relação com a sua trajetória na educação básica: *estatística foi pesado, porque muito da base de matemática que precisava eu não tinha (...). E o professor ficava: vocês deveriam ter visto isso no ensino médio.* (DC2, Fernando, 2022).

As expressões de Fernando nos permitiram refletir sobre os conflitos vivenciados por ele, gerados nos sentimentos de exclusão social. Essas informações nos permite elaborar **o terceiro indicador da produção de sentidos subjetivos de que, na universidade, ocupava um lugar que não lhe pertencia, como um impostor.**

Com base nas construções interpretativas e nos indicadores construídos acerca das mobilizações ante aos tensionamentos gerados nas experiências no curso das interações com familiares, pares, escola e em outros contextos, levantamos **a hipótese de que Fernando produz sentidos subjetivos relacionados à sua posição social e que, nessa posição, a**

**condição de estudante universitário é desafiadora, mas necessária para alcançar novas oportunidades em sua vida.**

**Objetivo 2 - Os recursos subjetivos produzidos na história de vida e como estes se entrelaçam na produção da subjetividade individual do estudante no enfrentamento das contradições e tensões da subjetividade social da universidade.**

Em expressões de Fernando durante a pesquisa, interessaram-nos algumas menções sobre alguns valores sociais que ele desaprova. Nessa orientação, destacamos os seguintes fragmentos: *tem uma coisa que eu não gosto, do pensamento de que existem pessoas acima de outras no sentido de inteligência. Tipo, se uma pessoa sabe isso aqui ou aquilo lá, ela é mais capaz do que outra no sentido de ser, e não porque ela teve todo um amparo, um amparo maior do que o do outro* (DC 1, Fernando, 2022). E na DCG (Fernando, 2022): *acho muito importante sempre levar em consideração o contexto em que as pessoas vivem, o contexto vivencial. Ainda nesse sentido, o participante expressa:*

*Acaba que aqueles que tiveram melhor amparo, desenvolvimento ao longo da vida, eles acabam se saindo melhor, seja no quesito educacional, seja no quesito familiar, que é uma coisa que também interfere. Tem isso também, geralmente as pessoas de baixa renda elas costumam ter o menor suporte social dentro da sua própria casa. Tem a tendência de ter os pais mais ausentes, né, porque não tem condições, tem menos suporte adicional, como um cursinho, notebook, computador, enfim, coisas que auxiliam você no processo de aprendizagem* (DC 2, Fernando, 2022).

Durante a pandemia, Fernando teve muitas dificuldades de cursar as disciplinas online, visto que não tinha computador e internet: *eu fiquei quase 2 meses fazendo tudo só pelo celular, mas pelo celular é horrível (...). Então um texto que eu levaria uma hora para fazer, eu levava*

*sei lá, três, quatro horas. E aí eu pedia para um colega meu olhar para ver se estava formatado direitinho* (DC 1, Fernando, 2022). Em outro fragmento: *essa coisa de não ter computador atrasou muita coisa, mas foi indo ali, pessoal ajudando e eu consegui me virar* (DC 1, Fernando, 2022).

A assistência estudantil constitui-se como importante recurso de subsistência, possibilitando suprir a questão da moradia na Casa do Estudante<sup>5</sup> da UnB e receber auxílio socioeconômico em pecúnia, com o qual se mantém na universidade e em suas atividades sociais, como vemos no fragmento sobre a importância da assistência estudantil: *é muito essencial, é o que separa o meu eu hoje e o eu mendigo lá do canto pedindo esmola (...). Eu não teria o que comer, literalmente* (DC 1, Fernando, 2022).

No enfrentamento das contradições e tensões da subjetividade social da universidade, há uma produção subjetiva relacionada ao reconhecimento de que as pessoas partem de condições diferentes de vida e que essas condições estão relacionadas ao desempenho acadêmico. O participante expressa que a vulnerabilidade socioeconômica não está atrelada à capacidade intelectual, mas ao esforço e a implicação pessoal que se fazem necessários no enfrentamento de dificuldades no curso de suas experiências na universidade e em outros contextos sociorrelacionais.

*A gente não tem como estar no mesmo patamar porque a gente não teve a mesma base, mas a gente tem o potencial de ir além ou igual aos outros. Mas é claro, vai ter que se esforçar, vai ser mais cansativo, né. Mas eu falo: tudo tem a primeira vez, sempre tem os pioneiros* (DCG, Fernando, 2022).

---

<sup>5</sup> Parte do programa de moradia estudantil, voltado a estudantes em situação de vulnerabilidade matriculados em cursos presenciais de graduação da universidade e com família que não possui moradia fixa no Distrito Federal.

Quanto ao objetivo de analisar os recursos subjetivos produzidos por Fernando, **abrimos o quarto indicador de que, no enfrentamento das tensões e contradições da subjetividade social da universidade, Fernando produz sentidos subjetivos de aceitação de sua condição social mediante o esforço pessoal.**

Segundo Souza, Lourenço e Santos (2016), os primeiros semestres na universidade são percebidos pelos estudantes ingressantes como um período de importantes mudanças: “o aumento da responsabilidade, os desafios de morar longe sem a família e a necessidade do desenvolvimento de uma postura proativa e autônoma, por exemplo, foram mudanças pessoais admitidas nos relatos” (Souza et al., 2016, p.19). No caso de estudo, sobre a sua chegada à universidade, o participante expressa: *nossa, eu me senti muito perdido, mas também em alguns aspectos eu me senti acolhido, porque na psicologia tem um pouco dessa cultura de acolhimento, né. Ainda mais pelos outros estudantes, pelos professores nem tanto, mas pelos veteranos sim* (DC 1, Fernando, 2022).

Fernando compôs uma rede de amizades como apoio para a realização de tarefas das disciplinas: *teve um trabalho final e quem me ajudou foi um amigo meu, a gente marcou e ele ficou mais de seis horas comigo me ajudando a fazer e aí eu fui entendendo. Nossa, eu ia trancar, então foi muito bom isso, sabe* (DC 1, Fernando, 2022). Em outro trecho: *eu tava travado numa atividade e aí uma amiga minha fez uma chamada de vídeo e foi me ajudar, aí eu entreguei e minha nota foi boa até. Meus colegas do meu semestre me ajudaram horrores, estatística também eu só passei por conta da ajuda de um amigo meu* (DC 1, Fernando, 2022).

Fernando também expressa que, na sua interação com os pares, além de buscar ajuda para compreender a matéria e concluir as atividades, buscava recursos para conhecer a universidade: *na psicologia tem a semana de recepção aos calouros, de tirar dúvidas, você pode mandar mensagem para os seus veteranos por Whatsapp e perguntar mil coisas. E foi o*

*que eu fiz, eu infernizei a vida deles de tanto que eu perguntava coisas* (DC 1, Fernando, 2022).

No CF14: Quando estou na UnB gosto de... *Conversar com amigos*. No trecho da primeira dinâmica conversacional destacado a seguir, Fernando expressa mais uma vez a importância que a interação com os colegas representa para ele:

*Pesquisadora: Você tem muitos amigos aqui?*

*Fernando: Pior que sim, eu interajo muito bem, tenho os meus amigos que eu sempre faço trabalho e quando eu tô em outra turma sempre tem alguém conhecido que eu posso fazer grupo. Gente de todos os contextos, inclusive.*

*Pesquisadora: Você sempre teve facilidade pra fazer amigos assim?*

*Fernando: Rapaz.... ganhei isso aqui na universidade.*

Na Carta à Comunidade Universitária, Fernando escreveu: *a universidade poderia criar mais espaços de integração entre os estudantes, como uma iniciativa institucional* (CCU, Fernando, 2022). O participante ingressa na universidade durante a pandemia e participa das atividades remotamente, inclusive se integrando a grupos institucionais da universidade, como Centro Acadêmico e Colegiado de Graduação. Neste, durante o seu período como representante discente, participava de decisões importantes relacionadas aos processos de desligamento e reintegração de estudantes da universidade. Fernando também participa ativamente de projetos de extensão da UnB.

Essas informações nos permitiram gerar **o quinto indicador de que a busca de Fernando por constantes interações com os pares, redes de apoio e com grupos institucionais, configurada subjetivamente, relaciona-se a uma produção subjetiva de pertencimento à universidade**. Nossas construções interpretativas nos possibilitam produzir **a hipótese da necessidade de reconhecimento social das suas ideias e posicionamentos como fonte de motivação e integração à universidade**.

### **Objetivo 3 - A emergência do agente e do sujeito no processo de enfrentamento das contradições e tensões**

Vimos que a dinâmica relacional de Fernando com os seus colegas gera recursos subjetivos que favorecem a sua integração ao espaço sociorrelacional da universidade. Segundo Ramos, Engel e Coll (2022, p. 2) os recursos produzidos e a forma como estes são movimentados em situações “de tensionamento com o social nos espaços normativos (...) diz respeito a sua capacidade de gerar espaços singulares de posicionamento que podem implicar em um estado de passividade subordinado à situação ou na emergência da condição de agente ou de sujeito”.

No momento da conversação destacado a seguir, o participante expressa que gosta de passar o tempo no espaço de convivência estudantil, o Centro Acadêmico (CA): *acho legal chegar no CA, me jogar no sofá, encontrar as pessoas, conversar, jogar um pouquinho de ping-pong* (DC 2, Fernando, 2022). Em outro trecho, fala sobre como percebe o ambiente da universidade:

*Eu acho que, fico pensando, como o ambiente é reforçador para eu fazer as minhas atividades (...). Aquele espírito de quando eu tô no ambiente, me dá uma sensação de identidade, uma satisfação, sei lá. Tipo quando eu tô lá fazendo uma atividade, o ambiente sempre está me lembrando algo assim: apesar das coisas às vezes serem meio chatas, ter as dificuldades, você é um estudante e isso é uma conquista sua. Então eu gosto muito da sensação que o ambiente me passa* (DCG, Fernando, 2022).

O participante valoriza o ambiente sociorrelacional da universidade e expressa o quanto o contexto de estudos mobiliza a sua produção subjetiva de pertencimento à universidade e de reconhecimento de seus esforços e dedicação na conquista desse espaço.

*Tipo se alguém falasse assim: doutor e tal, era uma coisa que nem passava pela minha cabeça. Hoje em dia eu tenho vontade de fazer um doutorado. Então a universidade ela veio ampliar a minha visão de mundo, ampliar meus desejos e me permitir mais, entende, sonhar mais alto e seguir realmente as coisas que eu quero. Eu quero e eu vou atrás (DC 2, Fernando, 2022).*

A essas informações se articulam as expressões de Fernando no Instrumento de Complemento de Frases: Para mim a universidade é... *Escola de sonhos* (Frase 11). E ainda na Carta à Comunidade Universitária, quando escreve sobre o que o motiva a permanecer na universidade: “*gosto de pensar no futuro, pensar no que eu posso ser e no que eu posso construir com isso, não só para mim, mas para as causas que eu considero importante*”.

Essas informações permitiram-nos reforçar o indicador anterior relativo à relação com os colegas e busca por integração à universidade, assim como abrir **o sexto indicador de que Fernando define-se como sujeito por sua capacidade de resistir às contradições e de gerar novos caminhos de desenvolvimento por um propósito pessoal.**

Como mencionado, as experiências vivenciadas pelo participante e as relações interpessoais estabelecidas no espaço sociorrelacional da universidade, favorecem movimentos de expressão e reflexão, com implicações na sua produção subjetiva. A expressão de sentidos subjetivos produzidos em sua história de vida se articulam ao modo como Fernando assume a sua posição enquanto estudante universitário: como parte de um coletivo. Nesse aspecto, o participante expressa o reconhecimento do trabalho de diferentes pessoas no processo:

*Na universidade que quando você tem um projeto de pesquisa e você publica ali é uma coisa da universidade também. Se tem alguma coisa que eu crio, meu trabalho também é da universidade, é dos professores que me ensinaram, é dos meus colegas, é um trabalho de todo o contexto. E muito mais além, que é uma filosofia que eu gosto muito*

*de pensar, meu trabalho é das pessoas que vieram antes comigo, antes mesmo da universidade eu tive lá uma base de escola, né. O meu trabalho ele entra como produto dos resultados das cotas que eu tive para poder entrar aqui, e muito mais ainda, ele é de todas as pessoas da base, desde o servidor que limpa o chão (DC 2, Fernando, 2022).*

Em expressões como essas, o participante demonstra refletir sobre a importância de todas as pessoas, com diferentes saberes, em diferentes trabalhos. Ainda nesse sentido, Fernando expressa a valorização que atribui às diferentes formas de saber:

*O meu pensamento, a minha filosofia, é que nada é produto individual dos estudantes, professores. É produto de toda a sociedade. E a melhor forma de retornar para a sociedade é pegar pessoas de diferentes esferas da sociedade para estar na universidade (DCG, Fernando, 2022).*

Essas informações se articulam a como Fernando avalia a sua própria integração e importância na universidade, o que nos possibilitou produzir **o sétimo indicador de que as experiências vivenciadas e os espaços sociais têm influências significativas na maneira pela qual Fernando configura a sua condição enquanto universitário e se posiciona como sujeito nesse processo.**

O conceito de sujeito está relacionado à abertura de uma nova via de subjetivação pelo indivíduo, transcendendo o espaço normativo em que acontecem as suas experiências (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a). Abordamos nesta construção as dificuldades enfrentadas pelo participante no curso das suas experiências enquanto estudante, desde antes de ingressar na universidade. A sua situação de vulnerabilidade socioeconômica, no entanto, não o paralisa, mas constitui-se como uma força importante na busca de novas oportunidades, por mudanças na sua vida e pela dedicação com que Fernando se engaja no enfrentamento às dificuldades.

Nossas construções interpretativas permitiram-nos gerar indicadores que orientaram para **a hipótese do compromisso que o participante assume enquanto estudante universitário, vinculado a uma produção subjetiva de retribuição à sociedade.**

No decurso da graduação, embora as situações contextuais não tenham sido modificadas de forma expressiva, percebemos processos de transformação em decorrência de recursos próprios de Fernando, possibilitando que este vivenciasse as experiências na universidade e em outros contextos de sua vida de forma diferente. Compreendemos que a decisão de Fernando por cursar a universidade e de se manter no curso estavam relacionados a uma dinâmica subjetiva complexa, a qual integrava um sistema simbólico e emocional relacionado a sua história de vida e experiências em momentos diversos, anteriores ao seu ingresso na universidade.

O participante expressa os tensionamentos e os conflitos vivenciados no contexto de suas experiências no mercado de trabalho e a sua produção subjetiva relacionada ao desejo de ingressar no ensino superior como forma de mudar de vida, seguindo outro caminho profissional. Contudo, participa da constituição subjetividade individual de Fernando a subjetividade social da universidade e de outros espaços sociorrelacionais, produzindo significados sobre o ensino superior mobilizados pelo sentimento de que essa não é uma realidade para ele.

Assim, mesmo se empenhando em sua aprovação, buscando materiais gratuitos na biblioteca pública e na internet, o participante produz sentidos subjetivos que ocupava na universidade um lugar que não lhe pertencia, chegando a conferir o nome dos pais no sistema de atividades acadêmicas para assegurar-se de que não estava matriculado no lugar de outra pessoa. Nesse sentido, construímos que há uma produção subjetiva relacionada a sua posição social, vinculada à condição de ser estudante universitário como desafiadora, mas necessária para alcançar novas oportunidades em sua vida.

No enfrentamento das tensões e contradições da subjetividade social da universidade, Fernando produz recursos subjetivos que abrem novas potencialidades de mudança. No espaço sociorrelacional da universidade, busca interagir com os pares, assim como participar de projetos e atividades institucionais, inclusive como representante discente. Nesse sentido, em nossas construções interpretativas, compreendemos que a necessidade de reconhecimento das ideias e posicionamentos do participante articulam-se a sua integração e pertencimento à universidade.

Os recursos subjetivos gerados por Fernando tiveram implicações no modo como ele se posiciona perante a própria vida, emergindo como sujeito ativo em manter o seu espaço e que busca meios para que todos se beneficiem do que a universidade pode proporcionar.

### **Análise Integrativa dos Casos**

O estudo sobre a configuração subjetiva de estudantes universitários que ingressaram pelo sistema de cotas possibilitou compreender as formas singulares de expressão dos participantes no curso de suas experiências. Em coerência com a perspectiva da Teoria da Subjetividade, os princípios da Epistemologia Qualitativa e os desdobramentos na Metodologia Construtivo-Interpretativa, no processo de construção das informações, produzimos indicadores e hipóteses que, articuladas processualmente na produção do modelo teórico, avançaram na criação de zonas de inteligibilidade sobre a questão estudada (González Rey, 2010; González Rey & Mitjans Martínez, 2017a).

A pesquisa constituiu-se como espaço sociorrelacional e dialógico, permeando a expressão dos participantes e da pesquisadora num processo relacional e interativo. Ambos os participantes expressaram motivação e interesse nas dinâmicas e atividades conduzidas durante a pesquisa. Destacamos a importância do instrumento Linha do Tempo, utilizado logo no início

da primeira dinâmica conversacional, como importante para a expressão dos participantes sobre as suas trajetórias enquanto estudante. O instrumento favoreceu ainda o diálogo sobre a relação dos participantes com seus familiares, sobretudo pela participante Elis, que desenvolveu um cronograma detalhado da sua trajetória escolar vinculada às suas vivências familiares.

Os dois participantes foram mobilizados diante dos tensionamentos gerados nas experiências no curso de suas interações com familiares, pares, escola e outros contextos, enfrentando as contradições expressas nas experiências vividas na condição de classe trabalhadora e a desejabilidade de ingressar no ensino superior em busca de outras vias para a realização pessoal e profissional. Apesar dos esforços e dedicação para aprovação no vestibular, contudo, expressam as dificuldades no reconhecimento da universidade como um espaço que lhes pertence.

Vimos que ainda prevalecem na subjetividade social da universidade e de outros espaços sociorrelacionais pressupostos e estereótipos pejorativos sobre as cotas, que normalizam a exclusão de pessoas que historicamente não participaram dos meios acadêmicos (Feres Júnior e Daflon, 2015; Souza et al., 2018; Ferreira, 2019; Santos, 2019). Contudo, as formas de expressão da subjetividade social, como os valores, normas e representações sociais, se configura de forma singular nos indivíduos que se relacionam nesse espaço (González Rey & Mitjás Martínez, 2017a, 2019).

Nesse sentido, enquanto Elis evita relações sociais com outros membros da comunidade universitária, Fernando busca interagir com os seus pares e participar de projetos e atividades da instituição. O momento de ingresso deste se deu durante a pandemia, tendo, portanto, iniciado a sua trajetória na universidade no ensino remoto. Já Elis ingressa antes da pandemia e vivência o ensino remoto na última metade do seu curso.

Ambos os participantes produziram recursos subjetivos que se entrelaçam na produção da subjetividade individual no enfrentamento das contradições e tensões da subjetividade social da universidade. Nesse sentido destacamos a importância do espaço sociorrelacional da universidade e das relações e interações constituídas neste contexto na produção subjetiva relacionada a autoconfiança, implicação pessoal e pertencimento à universidade. Segundo González Rey e Mitjans Martínez (2017b, p. 12):

“El desarrollo subjetivo, de forma general, está asociado a espacios de socialización en los que los individuos se integran y son capaces de expresar nuevas operaciones y recursos subjetivos que acompañan esa integración. La integración a un espacio social no es solo una adaptación o una asimilación; esa socialización tiene lugar través de las tensiones de nuevos desafíos y alternativas que los individuos enfrentan para conquistar de forma activa su espacio dentro de una institución social específica o grupo informal”.

Não podemos pensar que o estudante emerja como sujeito sem ter desenvolvido os recursos subjetivos no enfrentamento das contradições e tensões da subjetividade social da universidade. O movimento da subjetividade dos participantes, com os recursos que eles foram produzindo no curso de suas experiências, impactou na configuração subjetiva da família, na configuração subjetiva das relações sociais, assim como na própria configuração subjetiva da identidade deles como pessoa.

No caso de Elis, prospectamos a hipótese que houve uma mudança na configuração subjetiva da sua condição enquanto estudante universitária, o que não pudemos construir com relação ao participante Fernando. Este, no momento de realização da pesquisa, estava regularmente matriculado no quinto período do seu curso, enquanto Elis já havia percorrido quase a totalidade do curso, o que consideramos relevante na forma singular de produção da subjetividade individual dela.

Por fim, reiteramos que, no contexto da TS, a mudança subjetiva relaciona-se à mudança de uma configuração subjetiva específica (Mitjans Martínez & González Rey, 2019). Contudo, a mudança na configuração subjetiva da condição de estudante universitário para os participantes foi se constituindo como uma configuração subjetiva de desenvolvimento, isto é, foi se desdobrando em mudanças em outras áreas da vida deles, representando um processo de desenvolvimento subjetivo (Mitjans Martínez & González Rey, 2017b).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso estudo tivemos como objetivo compreender como a condição de ser estudante universitário está configurada subjetivamente para estudantes que ingressam pelo sistema de cotas. Para tanto, buscamos compreender como os estudantes são mobilizados frente aos tensionamentos gerados nas experiências em curso de suas interações com seus familiares, colegas, pares e professores nos espaços sociorrelacionais da escola, universidade e em outros contextos e experiências. Nessa direção, buscamos analisar como os recursos subjetivos produzidos na história de vida dos estudantes se entrelaçam na produção da subjetividade individual do estudante no enfrentamento das contradições e tensões da subjetividade social da universidade.

Buscamos identificar ainda a emergência do agente e do sujeito no processo de enfrentamento das contradições e tensões no curso de suas experiências, considerando a capacidade geradora de indivíduos e grupos sociais dentro de realidades simbólicas compartilhadas, que favorecem a abertura de novas vias de subjetivação, desdobrando em mudanças subjetivas e, possivelmente, no desenvolvimento subjetivo (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a).

A Teoria da Subjetividade constituiu-se como fundamentação teórica e epistemológica fundamental para o desenvolvimento deste estudo. Somente a partir deste referencial foi possível compreender questões relacionadas ao acesso à universidade, considerando-se a singularidade e a integração de aspectos sociais e culturais na constituição da subjetividade do estudante cotista. Como desdobramento metodológico da Epistemologia Qualitativa, foi utilizada a Metodologia Construtivo-Interpretativa para dar inteligibilidade sobre as questões estudadas.

A compreensão da condição de estudante universitário foi permeada pela forma em que, na MCI, realiza-se a interpretação e construção das informações, com os significados que o

pesquisador produz sobre as expressões dos participantes. A Metodologia Construtivo-Interpretativa, portanto, constituiu-se como uma abordagem diferenciada no processo de construção teórica deste estudo, possibilitando compreensões sobre aspectos não conscientes sobre a condição de ser estudante universitário. Reiteramos que a construção do sistema teórico é aberta e permanente, isto é, está em constante desenvolvimento, assim, não nos cabe uma apropriação de teorias como obras concluídas, que atingiram o seu ápice na própria elaboração de seus autores (González Rey, 2005).

A pesquisa em subjetividade requer o posicionamento ativo do pesquisador. Nesse sentido, desde início da pesquisa de campo buscamos produzir ideias, considerando a processualidade e construção gradativa do modelo teórico. A interpretação das informações geradas nos momentos conversacionais e a partir dos instrumentos utilizados se mostrou desafiadora, sobretudo no processo construtivo-interpretativo dos indicadores e hipóteses. Contudo, constitui-se como parte importante da aprendizagem da pesquisadora. Consideramos que, a partir do esforço em relação ao exercício e ao estudo, avançamos numa construção satisfatória sobre o objetivo da pesquisa.

Na apresentação e análise dos casos, com a construção do modelo teórico na confluência dos indicadores e hipóteses gerados, mostramos que a condição de estudante universitário se integra a uma dinâmica subjetiva complexa, que integra um sistema simbólico emocional relacionada a história de vida e experiências em momentos diversos. Os participantes produziram recursos subjetivos que se entrelaçam na produção de suas subjetividades individuais no enfrentamento das contradições e tensões da subjetividade social da universidade.

Nesse sentido destacamos a importância do espaço sociorrelacional da universidade e das relações e interações constituídas neste contexto. O movimento da subjetividade dos

participantes, com os recursos que eles foram produzindo no curso de suas experiências, permitiu a emergência do sujeito. Por fim, destacamos que a configuração subjetiva da condição de estudante universitário que ingressa pelo sistema de cotas se constituiu como uma configuração subjetiva de desenvolvimento, uma vez que começa a impactar em diferentes áreas da vida dos participantes.

Vimos que, embora o número de estudantes frequentando instituições de ensino superior no país tenha aumentado nas últimas décadas (Maia, Araújo & Oliveira, 2021; Senkevics & Mello, 2019) a composição da comunidade universitária continua desigual entre os diferentes grupos populacionais (Golgher, 2021). Nesse sentido, ações afirmativas são políticas essenciais que objetivam reparar os efeitos de históricas desigualdades, seja por questões de raça, gênero, classe, origem, dentre outras, em prol do atendimento ao princípio constitucional da igualdade.

A reserva de vagas nas instituições públicas de ensino configura importante exemplo de tais políticas, destacando-se, nesse cenário, a recente aprovação Lei Federal nº 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas. A partir dos dados da literatura, reiteramos que houve o aumento do número de pessoas historicamente excluídas ingressantes no ensino superior brasileiro após a sua implementação (Maia et al., 2021; Lima, Machado, Senkevics & Mello, 2016). As cotas ajudam a tornar a universidade uma possibilidade para diversas pessoas, ou seja, um lugar que também é para elas.

A criação de instrumentos legais não garante a transformação de práticas cotidianas (Chagas, Pedroza & Branco, 2012). A garantia do direito humano fundamental à educação “percorre um caminho marcado (...) pelas lutas que afirmam esse direito, pela responsabilidade do Estado em prover os meios necessários à sua concretização e pela adoção de concepção de uma educação cujo princípio de igualdade contemple o necessário respeito e tolerância à diversidade” (Dias, 2007, p.454).

Visto que os valores hegemônicos do contexto escolar, universitário e da sociedade em geral ainda são marcados por atos discriminatórios contra os estudantes negros, indígenas e/ou em situação de vulnerabilidade socioeconômica, recomenda-se o desenvolvimento de ações inclusivas e multiculturais que promovam a integração social e acadêmica e potencializem as suas potencialidades e conquistas. Assim, é importante que sejam desenvolvidas ações de apoio ao estudante no percurso de formação, como estratégias de acolhimento, programas de desenvolvimento social e de tutoria. Também espera-se que os professores estejam formados, ou em formação continuada, para atender a todos os estudantes, reconhecendo-os em seus potenciais de desenvolvimento.

Reiteramos a importância da representatividade discente nas instâncias institucionais e do estabelecimento de parecerias entre estudantes, diretorias e coordenações que compõem a estrutura organizacional da universidade. Nesse sentido, destacamos o trabalho do Programa de Educação Tutorial (PET) do Instituto de Psicologia da UnB na promoção de rodas de conversas sobre as cotas na universidade. Promover espaços de trocas entre estudantes, professores, servidores técnicos e demais integrantes da universidade, favorece a integração e o acolhimento, além de oportunizar o estabelecimento de vínculos e a redução de preconceitos. Segundo Ferrarini e Camargo (2012, p.710):

“A universidade é um espaço privilegiado perpassado por diferentes discursos que ampliam conhecimentos, produzem novos saberes, desenvolvem tecnologias, não devendo se balizar por verdades dogmáticas, mas pelo exercício da reflexão e da força dialética existente no livre debate. É nesse espaço intelectual fecundo que se compreende a ciência como um processo dinâmico, aberto e inacabado do saber e do fazer humanos, em contínua transformação em um mundo também em mutação”.

Por fim, a partir do posicionamento de que os grupos sociais são produtores de sua experiência e não resultado do que acontece com eles, destacamos a importância da articulação com referenciais teóricos que permitam a compreensão da singularidade com que cada estudante vivencia as suas experiências nos diversos contextos, rompendo com a ideia do indivíduo determinado socialmente (González Rey, 2005; 2012; González Rey & Mitjás Martínez 2017a).

## REFERÊNCIAS

- Almeida, N. C. F., & Leon, A. D. (2022). As cotas raciais como um mecanismo de visibilidade e valorização social da população negra. *Práxis Educativa*, 17, 1–13. <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.17.19365.036>
- ANDIFES (2019). V Pesquisa nacional de perfil socioeconômico e cultural dos(as) graduandos(as) das IFES. Brasília – DF.
- Araújo, A. A., Benevides, A. A., Mariano, F. Z. & Barbosa, R. B. (2020). Diferencial de desempenho dos estudantes cotistas no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes: evidências sobre as instituições de ensino superior federais. *Revista Brasileira de Educação*, 25, e250064.
- Bahktin (2002). *Estética da Criação Verbal*. Martins Fontes: São Paulo.
- Batista, N. C. (2015). Políticas públicas de ações afirmativas para a Educação Superior: o Conselho Universitário como arena de disputas. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 23 (86), pp. 95-128
- Basso-Poletto, D., Efrom, C. & Beatriz-Rodrigues, M. (2020). Ações Afirmativas no Ensino Superior: revisão quantitativa e qualitativa de literatura. *Revista Electrónica Educare*, 24(1), pp. 292-325.
- Bayma, F. (2012). Reflexões sobre a constitucionalidade das cotas raciais em Universidades Públicas no Brasil: referências internacionais e os desafios pós-julgamento das cotas. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 20 (75), pp. 325-346.
- Bevilaqua, C. B. (2015). The institutional life of rules and regulations: ten years of affirmative action policies at the Federal University of Paraná, Brazil. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, v. 12 (2), pp. 193-232. <https://doi.org/10.1590/1809-43412015v12n2p193>.
- Biazotto, M. L. S. H.; Bittencourt, F. V.; Araújo, G. R.; Fernandes, S. E. S.; Gottens, L. B. D; Rodrigues, C. M. L.; Neves, F. A. R. & Amorim, F. F. (2022). Comparison between students admitted through regular path and affirmative action systems in a brazilian

- public medical school. *Advances in Medical Education and Practice*, 13, pp. 251-263.
- Biazotto, M. L. S. H.; Gottems, L. B. D; Bittencourt, F. V.; Araújo, G. R.; Fernandes, S. E. S.; Rodrigues, C. M. L.; Neves, F. A. R. & Amorim, F. F. (2022). Nursing students admitted through the affirmative action system display similar performance in professional and academic trajectories to those from the regular path in a public school in Brazil. *PLoS ONE*, 17 (3), art n. e0264506.
- Bezerra, M. S. (2016). *Subjetividade e aprendizagem: o papel da relação professor-aluno e seus desdobramentos para o processo de ensino-aprendizagem*. In Goulart, D. M. & Alcântara, R. (Orgs). *Educação escolar e subjetividade: Desafios Contemporâneos*. Washington, EUA: Global South. E-BOOK.
- Campos, L. A. (2012). "We have a dream": cientistas sociais e a controvérsia sobre as cotas raciais na imprensa. *Revista de Sociologia e Política*, 20 (41), pp. 53-73.
- Campos, L. C., Machado, T. R. B., Miranda, G. J. & Costa, P. S. (2017). Cotas sociais, ações afirmativas e evasão na área de Negócios: análise empírica em uma universidade federal brasileira. *Revista Contabilidade & Finanças*, 28(73), 27-42. <https://doi.org/10.1590/1808-057x201702590>.
- Mello, C. A. L. & Pedroza, R. L. S. (2022). Direitos Humanos: concepções por estudantes de psicologia em uma universidade pública brasileira. *CES Psicología*, 15(2), 80-96. <https://doi.org/10.21615/cesp.6194>.
- Costa, A. L. & Picanço, F. (2020). Para além do acesso e da inclusão: impactos da raça sobre a evasão e a conclusão no ensino superior. *Novos estudos*, 39(2), pp. 281-306.
- Dias, A. A. (2007). Da educação como direito humano aos direitos humanos como princípio educativo. In R. M. G. Silveira, A. A. Dias, L. F. G. Ferreira, M. L. P. A. M. Feitosa, & M. N. T. Zenaide (Orgs.), *Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos* (pp. 441-456). João Pessoa: Editora Universitária.
- Feres, J., Daflon, V.T. (2015). Ação afirmativa na Índia e no Brasil: Um estudo sobre a retórica acadêmica. *Sociologias*, 17 (40), pp. 92-123.

- Ferrarini, N. L., Camargo, D. (2012). O sentido da psicologia e a formação do psicólogo: um estudo de caso. *Psicologia & Sociedade*, 24 (3), pp. 710-719. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000300024>>. Epub 10 Jan 2013. )ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000300024>.
- Ferrarini, N. L., Ruppel, D. (2013). *Inclusão racial e social: considerações sobre a trajetória da UFPR*. Curitiba: Editora UFPR
- Ferreira, N. T. (2021). Ações afirmativas raciais e a atuação do jornal Folha de S. Paulo. *Cadernos de Pesquisa*, 49 (171), 110–128. Recuperado de <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/5467>
- Guarnieri, F. V. & Melo-Silva, L. L. (2007). Ações afirmativas na educação superior: rumos da discussão nos últimos cinco anos. *Psicologia & Sociedade*, 19 (2), pp. 70-78.
- González Rey, F. (2003). *Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural* / Fernando González Rey; [tradução Raquel Souza Lobo Guzzo; revisão técnica do autor] São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- González Rey, F. (2010). *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação* / Fernando González Rey; [tradução Marcel Aristides Ferrada Silva] São Paulo: Cengage Learning.
- González Rey, F. (2012). *O social como produção subjetiva: superando a dicotomia individuo-sociedade numa perspectiva cultural-histórica*. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, v. 2, n. 2, p. 167-185.
- González Rey, F. (2013). *O que oculta o silêncio epistemológico da Psicologia?* *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 8, n. 1, p. 20-34.
- González Rey, F. (2016). *Epistemología Cualitativa de González Rey: una forma diferente de análisis de “datos”* *Revista Tecnia*, v. 1, n. 1, p. 17-32.
- González Rey, F. Mitjans Martínez, A. (2017a). *Subjetividade: Teoria, Epistemologia e Método*. Campinas: Alínea.
- González Rey, F. Mitjans Martínez, A. (2017b). El desarrollo de la subjetividad: una alternativa frente a las teorías del desarrollo psíquico. *Papeles de Trabajo sobre Cultura, Educación y Desarrollo Humano*, 13(2), 3-20.

- González Rey, F., Mitjáns Martínez, A., Rossato, M., Magalhães Goulart, D. (2017). *The Relevance of the Concept of Subjective Configuration in Discussing Human Development*. In: Fler, M., González Rey, F., Veresov, N. (eds) *Perezhivanie, Emotions and Subjectivity. Perspectives in Cultural-Historical Research*, vol 1. Springer, Singapore. [https://doi.org/10.1007/978-981-10-4534-9\\_11](https://doi.org/10.1007/978-981-10-4534-9_11)
- Golgher, A. B. (2021). Evolução recente da presença e do perfil de minorias na universidade federal de minas gerais. *Cadernos de Pesquisa*, 51, art. no. e07351.
- Lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm)
- Lei n. 12.228, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Brasília. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm)
- Lima, M. E. O., Neves, P. S. C. & Silva, P. B. (2014). A implantação de cotas na universidade: paternalismo e ameaça à posição dos grupos dominantes. *Revista Brasileira de Educação*, 19(56), 141-163.
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2001). A pesquisa qualitativa em psicologia do desenvolvimento: questões epistemológicas e implicações metodológicas. *Temas em Psicologia*, 9(1), 63-75.
- Maia, G. L. (2021). Os desafios da criação de cotas para pretos, pardos e indígenas (PPI) nas universidades brasileiras: creation challenges of a racial quota politics in brazilian universities. *Revista Contexto & Amp; Educação*, 36(115), 10–27. <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2021.115.9721>
- Maia, G. L., Araújo, R. A. P. de, & Oliveira, I. D. (2021). A trajetória da população universitária brasileira: uma questão de raça e classe. *Revista de Direito*, 13(02), 01-22. <https://doi.org/10.32361/2021130211149>
- Mello, L.C.A., & Pedroza, R.L.S. (2022). Direitos Humanos: concepções por estudantes de psicologia em uma universidade pública brasileira. *Rev. CES Psico*, 15(1), 80-96. <https://dx.doi.org/10.21615/cesp.619>

- Mendes Junior, A. A. F. (2014). Uma análise da progressão dos alunos cotistas sob a primeira ação afirmativa brasileira no ensino superior: o caso da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 22(82), pp. 31-56.
- Menin, M. S. D. S., Shimizu, A. de M., Silva, D. J., Cioldi, F. L. & Buschini, F. (2008). Representações de estudantes universitários sobre alunos cotistas: confronto de valores. *Educação e Pesquisa*, 34(2), pp. 255-272.
- Minayo, M.C.S. (2010). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Mayorga, C., & Souza, L. M. (2012). Ação afirmativa na universidade: a permanência em foco. *Revista Psicologia Política*, 12(24), 263-281.
- Mitjans Martínez, A. (2005). A Teoria da Subjetividade de González Rey: uma expressão do paradigma da complexidade na psicologia. In: González Rey, F. (Org.) *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia* (pp. 1-25). São Paulo: Thompson
- Mitjans Martínez, A., & González Rey, F. (2017). *Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica*. São Paulo: Cortez Editora.
- Mitjans Martínez, A., González Rey, F. & Puentes, V, R. (2019). *Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: discussões sobre saúde e educação / Albertina Mitjans Martínez, Fernando González Rey e Roberto Valdéz Puentes organizadores*. Uberlândia: EDUFU.
- Mitjans Martínez, A. & González Rey, F. (2019). A preparação para o exercício da profissão docente: contribuições da Teoria da Subjetividade. In: Maristela Rossato; Vannuzia Peres. (Org.). *Formação de Educadores e Psicólogos: Contribuições e Desafios da Subjetividade na Perspectiva Cultural-Histórica*. 1ed. Curitiba: Appris, 2019, v. 1, p. 11-33. ISBN 978-85-473-4011-7
- Moehlecke, S. (2002). Ação Afirmativa: história e debates no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, 117, p. 197-217.
- Moura, M. R. S., Tamboril, M. I. B. (2018). “Não é assim de graça!”: Lei de Cotas e o desafio da diferença. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 22, p. 593–601.
- Oliva, L. M. C. R. (2020). Sistema de cotas na universidade pública brasileira: avaliação da experiência da UnB após a Lei 12.711/12. Dissertação (Mestrado Profissional em

Economia) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas, Universidade de Brasília.

Oliveira B. M., Pires, A. & Dwyer, T. (2018). Higher Education, Development, and Inequality in Brazil and South Africa. *Changing Societies & Personalities*, 2(4), 366–392. doi:10.15826/csp.2018.2.4.052.

Pereira, M. M. (2021). As dinâmicas políticas do processo de aprovação da Lei de Cotas nas universidades: uma abordagem ideacional. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.

Pinheiro, D. C, Pereira, R. D., Xavier, W. S. (2007). Ações afirmativas na educação superior: rumos da discussão nos últimos cinco anos. *Psicologia & Sociedade*, 19(2), pp. 70-78.

Ramos, W.M., Engel, A., Coll, C. (2022). A ação de aprender de estudantes da pós-graduação na transição da pré-pandemia, pandemia e do retorno ao ensino presencial. *I congresso Internacional de Investigação e Intervenção em Psicologia Escolar e da Educação*.

Rossato, M. & Assunção, R. (2019). O desenvolvimento subjetivo no processo da formação docente. In: Mitjans Martínez, A., Anache, A. A., Lustosa, A. V. M. F., Fuchijima, B. D., Coelho, C. M. M... Cordeiro, V. O. M. (2019). *Formação de educadores e psicólogos: contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica*. Curitiba: Appris.

Rossato, M. & Mitjans Martínez, A. (2013). Desenvolvimento da subjetividade: análise de histórias de superação das dificuldades de aprendizagem. *Psicologia Escolar e Educacional*, 17(2), pp. 289-298. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-85572013000200011>>. Epub 13 Jan 2014. ISSN 2175-3539. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572013000200011>.

Russell C. L. (2005). An Overview of the Integrative Research Review. *Progress in Transplantation*, 15(1), pp. 8-13. doi:10.1177/152692480501500102

Santos, B. S. (2003). Por uma concepção multicultural dos direitos humanos. In: Santos, B. S. (Org). *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo cultural* (pp. 427-461). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- Santos, J. L. (2019). O discurso sobre as cotas raciais antes da lei 12.711/2012: letramentos acadêmicos e a ampliação do acesso ao ensino superior no Brasil. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 19 (1), <https://doi.org/10.1590/1984-6398201912962>
- Santos, S. A. (2010). Universidades públicas, sistema de cotas para os estudantes negros e disputas acadêmico-políticas no Brasil contemporâneo. *Política e trabalho: Revista de Ciências Sociais*, João Pessoa, n. 33, p. 49-74.
- Santos, S. A., Cavalleiro, E., Barbosa, M. I. S. & Ribeiro, M. (2008). Ações afirmativas: polêmicas e possibilidades sobre igualdade racial e o papel do estado. *Revista Estudos Feministas*, 16 (3), pp. 913-929.
- Senkevics, A.S., Mello, U.M. (2019). O perfil discente das universidades federais mudou pós lei de cotas? *Cadernos de Pesquisa*, 49 (172), pp. 184-208.
- Silva, G.H.G. (2017). Educação matemática e ações afirmativas: possibilidades e desafios na docência universitária. *Cadernos de Pesquisa*, 47 (165), pp. 820-843.
- Souza, E. M. (2019). Ações afirmativas e estereótipos sociais: desconstruindo o mito da inferioridade cotista. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 27 (75), pp. 1-27.
- Souza, M. T. D., Silva, M. D. D., Carvalho, R. D. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, 8, pp. 102-106.
- Souza, E.C., & Torres, J.F. (2019). A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais. *Revista Obutchénie*.
- Souza, R. G., Mendes, J. F. & Reis, D. C (2021). Um debate sobre o colonialismo e as cotas raciais: a democratização do lugar social. *Revista de Direito*, 13(02), 01–21. <https://doi.org/10.32361/2021130211645>.
- Torres, J. F. P & Goulart, D. M (2020). Qualitative Epistemology and constructive-interpretative methodology: a proposal for the study of subjectivity.
- Valente, R. R. & Berry, B. J. L. (2017). Performance of Students Admitted through Affirmative Action in Brazil. *Latin American Research Review*, 52(1), 18–34. DOI: <http://doi.org/10.25222/larr.50>

- Velloso, J. (2009). Cotistas e não-cotistas: rendimento de alunos da Universidade de Brasília. *Cadernos de Pesquisa*, v. 39, n. 137, pp.621-644.
- Vigotskii, L. S. (2010). V741L. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem* / Lev Semenovich Vigotskii, Alexander Romanovich Luria, Alex N. Leontiev; tradução de: Maria da Pena Villalobos. - 11a edição - São Paulo: ícone.
- Vigotski, L. S. (2009). *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores*. Trad. Zoia Prestes. São Paulo: Ática.
- Yamamoto, O. H. (2012). 50 anos de profissão: responsabilidade social ou projeto ético político? *Psicologia: ciência e profissão*, 12, 06-17. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500002>
- Weller, W. & Silveira, M. (2008). Ações afirmativas no sistema educacional: trajetórias de jovens negras da Universidade de Brasília. *Estudos Feministas*, 16 (3), p. 931-947.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – ACEITE INSTITUCIONAL

#### ACEITE INSTITUCIONAL

A professora doutora Maria Inês Gandolfo Conceição, Diretora do Instituto de Psicologia da UnB, está de acordo com a realização da pesquisa “ESTUDO SOBRE A CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS QUE INGRESSARAM PELO SISTEMA DE COTAS”, no Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília de responsabilidade da pesquisadora *Mallu Stephanie de Almeida Nunes*, estudante de *mestrado acadêmico do Programa de Pós-graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Escolar do Instituto de Psicologia* da Universidade de Brasília, sob orientação da Profa. Dra. *Wilsa Maria Ramos*, após revisão e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília.

O estudo envolve a realização de *rodas de conversas em grupo, dinâmicas conversacionais individuais e complemento de frases*. Todas as atividades serão realizadas por meio das plataformas de encontro remoto, considerando o contexto pandêmico global e a importância de resguardar a segurança de todos. A disponibilidade e disposição dos participantes será respeitada no agendamento de cada atividade. A pesquisa de campo será iniciada somente após a devida aprovação junto ao Comitê de Ética responsável e terá duração de seis meses, com previsão de início em janeiro de 2022 e término em julho de 2022.

Eu, Maria Inês Gandolfo Conceição, Diretora do Instituto de Psicologia da UnB, declaro conhecer e cumprir as resoluções éticas brasileiras, em especial as Resoluções CNS 466/2012 e 510/2016. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Brasília, de \_\_\_\_\_ de 20\_\_ .

---

Assinatura do responsável pela instituição

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “ESTUDO SOBRE A CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS QUE INGRESSARAM PELO SISTEMA DE COTAS” de responsabilidade de Mallu Stephanie de Almeida Nunes, estudante de mestrado da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é compreender como se constitui a trajetória acadêmica de estudantes cotistas da UnB e identificar os recursos subjetivos produzidos por estes para que se sintam pertencendo socialmente à universidade. Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo/a. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda do/da pesquisador/a responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de rodas de conversa em grupo, dinâmicas conversacionais individuais e atividades de produção oral e escrita. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco. Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone 61 996480502 ou pelo e-mail [mallununes1@gmail.com](mailto:mallununes1@gmail.com).

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de correio eletrônico, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: [cep\\_chs@unb.br](mailto:cep_chs@unb.br) ou pelo telefone: (61) 3107 1592.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com você.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do/da participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do/da pesquisador/a

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

## APÊNDICE C – TERMO AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA

### Termo de autorização para utilização de imagem e som de voz para fins de pesquisa

Eu, \_\_\_\_\_, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado/a no projeto de pesquisa intitulado ESTUDO SOBRE A CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS QUE INGRESSARAM PELO SISTEMA DE COTAS, sob responsabilidade de Mallu Stephanie de Almeida Nunes vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar da Universidade de Brasília.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para análise por parte da equipe de pesquisa. Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam eles televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e som de voz são de responsabilidade do/da pesquisador/a responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com o participante.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do/da pesquisador/a

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

## APÊNDICE D – FORMULÁRIO

### Formulário *Microsoft Forms*

[https://docs.google.com/forms/d/1o7nGUXeJxVaRdC1YtKRJQRWGy-oSU\\_mL9DKIhTu0yhM/edit](https://docs.google.com/forms/d/1o7nGUXeJxVaRdC1YtKRJQRWGy-oSU_mL9DKIhTu0yhM/edit)

**ESTUDO SOBRE A CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS QUE INGRESSARAM PELO SISTEMA DE COTAS SOCIAIS.**

Informações para registro dos participantes do estudo. Reiteramos o tratamento sigiloso das informações e a atenção aos demais cuidados éticos no decorrer da pesquisa.

PESQUISADORAS: MALLU NUNES E WILSA RAMOS  
CONTATOS: [mallununes1@gmail.com](mailto:mallununes1@gmail.com); 61 99648 0502

[Faça login no Google](#) para salvar o que você já preencheu. [Saiba mais](#)

**\*Obrigatório**

NOME COMPLETO \*

## APÊNDICE E –DINÂMICAS CONVERSACIONAIS INDIVIDUAIS

### PERGUNTAS NORTEADORAS

- Como foi realizar a linha do tempo?
- Você sempre quis estudar na UnB?
- Como se sentiu com a aprovação?
- Como foi a reação de familiares e rede de amigos?
- O seu ingresso foi no contexto pré-pandêmico ou pandêmico?
- Como foi o acolhimento pela comunidade acadêmica?
- Como foi o procedimento de inscrição por cotas?
- Pensou em se inscrever pelo sistema universal? Por quê?
- As cotas são importantes para você? Descreva.
- E para a sociedade como um todo, qual a importância das cotas para ingresso nas universidades públicas brasileiras?
- Para você o estudante cotista é visto da mesma forma que o não cotista pelos demais alunos? E pelos professores?
- Para você, como o estudante cotista é visto pelos colegas? E pelos professores?
- Como é ser cotista na UnB?
- Você se sente parte da Universidade?
- O que você acha da UnB?
- Gosta de estudar aqui? Por quê?
- O que não gosta na universidade?
- Como é a sua rotina enquanto estudante da UnB?
- Quais os desafios de ser estudante na UnB?
- Ser cotista tem influência nessas questões

- Você está no xx semestre na UnB. O que mudou do primeiro semestre para cá?
- Você participa de algum programa da assistência estudantil? Qual(is)?
- Qual a importância desses programas para você?
- Além da assistência estudantil, o que mais a universidade poderia fazer para os estudantes cotistas?

## APÊNDICE F – DINÂMICA CONVERSACIONAL EM GRUPO

### 1) APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES

- Falar um pouco de si para os demais participantes: curso, semestre, o que gosta e o que não gosta de fazer, iniciar pela pesquisadora e passar a palavra em seguida

### 2) LEITURA DO TEXTO

### 3) DISCUSSÃO – Perguntas norteadoras

- Como se sentiram com a leitura do texto?
- Como o cotista é visto pelo autor do texto?
- Concordam com alguma parte?
- Do que discordam

## TEXTO

O trecho do artigo de opinião a seguir são de um periódico semanal intitulado Boletim, produzido pela Diretoria de Divulgação e Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 2005.

“Na milenar tradição cultural do Ocidente e do Oriente, a universidade sempre foi percebida como o lugar ímpar de aplicação às formas superiores do saber [...]. Alguns fenômenos sugerem que esteja ocorrendo o contrário. Catastrofismo? Antes fosse. Um exemplo é a ideia de cotas para grupos étnicos ou para desfavorecidos de qualquer outra matiz. Criar distinções fundadas na etnia ou em condições sociais e econômicas é um modo cínico e arrogante de legitimar reconceitos [...]. Ao se afastar do princípio do mérito para se pôr a serviço do imediato nivelamento social, a universidade começa por trabalhar contra a principal de suas forças, que é precisamente o dinamismo transformador do saber [...]. Há muito, de resto, se percebeu, em ambientes menos festivos, que a universalização indiscriminada do ensino universitário, mesmo sem o sistema de cotas, ao invés de criar uma sociedade universalmente elitária, conduz ao que a crítica da pedagogia fácil chamou de Akademisches Proletariat: um dos bons roteiros para o desemprego e a indigência.”

## APÊNDICE G – COMPLEMENTO DE FRASES

Apresentaremos uma série de frases para que complete conforme você acredita que seja a sua vivência. O tamanho da resposta depende da sua vontade e, caso sinta desconforto com alguma questão, fique à vontade para deixá-la em branco. Escreva livremente o que te vem à cabeça de acordo com o início das frases.

1. Me sinto feliz toda vez que eu...
2. Quando estou na universidade eu gosto de...
3. Ser estudante cotista é...
4. Sou muito bom em....
5. Sinto que fracassei quando...
6. Fico chateado quando...
7. Meu desejo é...
8. Meu maior medo é....
9. Para mim a universidade é....
10. No meu tempo livre eu....
11. Me preocupo com...

12. Quando não consigo entender um conteúdo eu...

13. Considero...

14. Trabalho em grupo é...

15. Diariamente me esforço para...

16. O ensino superior é...

17. Me decepcionei...

18. Gosto quando eu...

19. Foi marcante para mim quando...

20. Se eu pudesse mudar algo, eu...

21. Quando faço coisas da faculdade eu...

22. Se eu pudesse escolher...

23. Me irrita quando...

24. Meus amigos...

25. No futuro eu espero...

26. Na minha casa eu...

27. Quando sair da universidade eu...

28. Não gosto quando...

29. Felicidade é...

30. O futuro para mim...



## APÊNDICE I – PARECER CONSUBSTANCIADO

INSTITUTO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS E SOCIAIS DA  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -  
UNB



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** ESTUDO SOBRE A CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS QUE INGRESSARAM PELO SISTEMA DE COTAS SOCIAIS.

**Pesquisador:** MALLU STEPHANIE DE ALMEIDA NUNES

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 55473821.0.0000.5540

**Instituição Proponente:** Instituto de Psicologia -UNB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.281.874

#### Apresentação do Projeto:

Trata-se do Projeto de Pesquisa intitulado "Estudo sobre a configuração subjetiva de estudantes universitários que ingressaram pelo sistema de cotas", proposto por Mallu Stephanie de Almeida Nunes", vinculada ao Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de Brasília (UnB), com financiamento próprio. Trata-se de um proposto para ser realizado em nível de mestrado sob a orientação da Profa. Dra. Wilsa Maria Ramos.

A pesquisa é desenhada como uma investigação voltada para melhor compreender as experiências dos estudantes que ingressaram na universidade por meio do sistema de cotas sociais. É proposta para ser desenvolvida com estudantes de diferentes semestres do curso de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB) que ingressaram por meio do sistema de cotas.

A hipótese do estudo é que o sistema de cotas está configurado subjetivamente para o estudante que ingressou na universidade pelo sistema de cotas sociais de forma singular, o que evidencia a postura ativa do sujeito na sua experiência acadêmica.

#### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo primário: compreender como cotas estão configuradas subjetivamente para os estudantes

**Endereço:** CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de  
**Bairro:** ASA NORTE **CEP:** 70.910-900  
**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA  
**Telefone:** (61)3107-1592 **E-mail:** cep\_chs@unb.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS E SOCIAIS DA  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
UNB



Continuação do Parecer: 5.281.074

Página 01 de

universitários que ingressaram pelo sistema de cotas sociais.

Objetivos secundários: (i) identificar as zonas de tensionamento na trajetória do estudante cotista e as experiências subjetivas decorrentes de suas relações com pares, professores e com o sistema acadêmico; (ii) analisar os recursos subjetivos dos estudantes para a promoção de sua integração; (iii) propor subsídios para o desenvolvimento de políticas e ações de acolhimento, integração e permanência de estudantes cotistas.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

A pesquisadora declara que o estudo pode suscitar questionamentos relacionados à vivência do estudante enquanto cotista na universidade. Contudo, acredita que tais questões têm o potencial de promover o desenvolvimento psicológico dos envolvidos. Considerando o trabalho com pessoas e os aspectos biopsicossociais, reiteramos que será oferecido o suporte necessário a todos os participantes, além do cuidado ético na condução de todas as etapas da pesquisa.

No caso dos benefícios, afirma que a compreensão das experiências dos estudantes como cotistas da universidade oportunizará o desenvolvimento de ações voltadas à permanência e ao bem-estar destes, além de subsidiar políticas de ações afirmativas de redução de históricas desigualdades sociais. Acrescenta que o estudo poderá auxiliar o trabalho e o desenvolvimento de práticas exitosas em Psicologia Escolar na universidade. Além disso, a compreensão de como cotas estão configuradas subjetivamente para os universitários que ingressaram pelo sistema de cotas sociais poderá contribuir para o desenvolvimento de políticas e ações de acolhimento, integração e permanência de estudantes cotistas. Tais questões configuram ainda importante campo para atuação profissional e construção de conhecimentos em psicologia.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O presente projeto tem com um dos seus principais pressupostos a importância que a perspectiva cultural e histórica atribui ao contexto na compreensão do humano e de suas relações. Considera, também, que coexistimos em meio a desigualdades sociais e econômicas bastante evidentes no Brasil e que diversas áreas do conhecimento estão implicadas no estudo de tais desigualdades, catalisando o desenvolvimento de políticas, programas e práticas com vistas a maior equidade. Acrescenta que a baixa representação de estudantes negros, indígenas, de baixa renda e oriundos das escolas públicas nas universidades públicas brasileiras revela problemas estruturais de difícil e

Endereço: CAMPUS UNIVERSITARIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de  
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900  
UF: DF Município: BRASILIA  
Telefone: (61)3107-1592 E-mail: oep\_chs@unb.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS E SOCIAIS DA  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
UNB



Continuação do Parecer: 5.281.874

Página 02 de

lenta resolução nos campos econômicos e educacionais. Neste contexto, políticas de ações afirmativas na educação superior visam diminuir tais disparidades.

A proposta de estudo enfatiza que a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) foi pioneira na implementação da política de cotas e que a Universidade de Brasília (UnB), ~~loco~~ empírico onde o trabalho pretende-se realizar, instituiu em 2003 o sistema de cotas para negros, com a reserva de 20% das vagas de seu vestibular. No contexto da UnB destaca o importante trabalho desenvolvido pela Diretoria de Desenvolvimento Social, vinculada ao Decanato de Assuntos Comunitários, no desenvolvimento de programas, projetos e ações voltados a estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Em 2012 a aprovação da Lei Federal nº 12.711, conhecida como Lei de Cotas, ampliou o acesso à educação pública federal superior e o ensino médio a partir da determinação de reserva de vagas nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio.

O inventário apresentado no projeto registra que o levantamento de estudos publicados nos periódicos de Psicologia revela diversas possibilidades de aproximação com a temática, a partir de: (i) pesquisas focadas na análise de discursos e representações sociais; (ii) estudos sobre as relações sociais estabelecidas pelos integrantes das instituições; (iii) estudos sobre ações institucionais de promoção da inclusão social, programas de permanência, dentre outros. Com a ampliação do acesso, contudo, tornaram-se mais evidentes os desafios vivenciados pelos estudantes para concluírem o curso superior.

O projeto explicita que a compreensão da vivência dos estudantes cotistas tem o potencial de subsidiar intervenções pertinentes para a melhoria de sua trajetória acadêmica e profissional. Ressalta, também, que as diferenças existentes em termos de trajetórias pessoais, assim como as múltiplas formas como essas trajetórias se entrelaçaram a questões de luta e resistência social, política, econômica e cultural. Além disso, enfatiza que estudos sobre as diversas questões relacionadas à reserva de vagas nas universidades públicas brasileiras são de fundamental importância para embasar a manutenção e ampliação de políticas públicas de democratização do acesso à universidade que, por sua vez, estão relacionadas a mudanças sociais significativas. De maneira geral, tais pesquisas têm o potencial de subsidiar o desenvolvimento de políticas, programas e ações voltados à permanência do estudante na universidade. Em consequência, a melhor compreensão da vivência do aluno que ingressa na universidade por meio do sistema de

Endereço: CAMPUS UNIVERSITARIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de  
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900  
UF: DF Município: BRASILIA  
Telefone: (61)3107-1582 E-mail: cep\_chs@unb.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS E SOCIAIS DA  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
UNB



Continuação do Parecer: 5.281.874

Página 03 de

cotas é um tema caro e necessário ao desenvolvimento de ações que, num contexto amplo, tem o potencial de gerar mudanças sociais significativas.

A Metodologia Construtivo-Interpretativa, a Teoria da Subjetividade e a Epistemologia Qualitativa serão os aportes que darão subsídios para o desenvolvimento do trabalho, destacando-se a última pelo caráter construtivo-interpretativo e dialógico do conhecimento científico, a fim de construir conhecimentos ao longo da realização do estudo.

Para realização da pesquisa proposta, os estudantes que atendam aos requisitos iniciais – ter ingressado pelo sistema de cotas sociais e cursar Psicologia na UnB – serão convidados por correio eletrônico a uma reunião online de apresentação da pesquisa, de seus objetivos e dos instrumentos de construção das informações. Ao final do encontro, todos receberão o link de um formulário que deverá ser respondido pelos interessados em prosseguir no estudo. O formulário expõe no cabeçalho a identificação do responsável pela pesquisa, a instituição a que está vinculado e a observância os cuidados éticos recomendados. Após o primeiro levantamento, quatro estudantes, de ambos os sexos, serão convidados para rodas de conversa em grupo. Considerando o contexto pandêmico brasileiro decorrente da Covid-19 e a maior segurança de todos os envolvidos, as rodas de conversa ocorrerão por meio de plataforma de encontros virtuais, com duração média de uma hora. A pesquisadora declara que, seguindo roteiro semiestruturado, o objetivo deste levantamento, para além de identificar possíveis participantes para as demais etapas, é perceber o interesse e a motivação destes na discussão sobre as vivências na educação superior como estudantes que ingressaram por meio do sistema de cotas.

A fim de construir um espaço sensível e favorável a trocas significativas entre os envolvidos, o projeto registra que a ideia é que seja realizada uma conversa tranquila, aberta e que, de fato, tenha o potencial de inspirar confiança na relação. As dinâmicas conversacionais seguirão roteiro semiestruturado e serão pensadas a partir das análises interpretativas produzidas ao longo da pesquisa. Após a realização das rodas de conversa em grupo e das dinâmicas conversacionais individuais, a pesquisa lançará mão do recurso metodológico denominado complemento de frase, que será de grande relevância para induzir os participantes a expressarem expectativas e vivências enquanto estudantes cotistas da Universidade de Brasília.

O estudo contará com um total de 15 (quinze) sujeitos, estudantes de todos os semestres do curso

Endereço: CAMPUS UNIVERSITARIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de  
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900  
UF: DF Município: BRASÍLIA  
Telefone: (61)3107-1592 E-mail: cep\_chs@unb.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS E SOCIAIS DA  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
UNB



Continuação do Parecer: 5.281.874

Página 04 de

de Psicologia a Universidade de Brasília.

Em relação ao desfecho primário da pesquisa, a partir da concepção de que o social se constitui em formas de ação muito singulares, abrindo a possibilidade de criação de alternativas pessoais ante a situações hegemônicas, a pesquisadora declara que o estudo se debruçará na investigação das diferentes formas de configurar subjetivamente as complexas questões envolvidas no ser estudante cotista da UnB. Isto ocorrerá com a finalidade de subsidiar o desenvolvimento dos estudos, ao longo de sua trajetória acadêmica, assim como ações de promoção de permanência na universidade

Na realização da pesquisa proposta não haverá uso de fontes secundárias de dados e os sujeitos.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram postados pelo pesquisador na plataforma os documentos listados a seguir, na ordem cronológica de sua inclusão: (i) folha de rosto; (ii) aceite institucional; (iii) carta de revisão ética; (iv) carta de encaminhamento; (v) instrumentos de coleta de dados; (vi) Currículo Lattes da orientadora da pesquisa, atualizado em 23.11.2021; (vii) Currículo Lattes da proponente do estudo (mestranda), atualizado em 09.12.2021; (viii) cronograma, destacando a coleta dos dados para ser realizada no período entre 01.04 a 01.07.2022; (ix) projeto; (x) PB informações básicas. (xi) TCLE; (xii) Termo de utilização de voz e imagem.

**Recomendações:**

Nenhuma, pois devido à metodologia adotada na pesquisa proposta e ao contexto atual de pandemia do coronavírus/Covid 19, a coleta dos dados do estudo ocorrerá virtualmente, de modo a minimizar os riscos de contaminação e obedecendo aos protocolos de atividades on-line.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Considerando o exposto e o fato de que o pesquisador atendeu aos requisitos do CEP/CHS e ao disposto nas Resoluções CNS 466/2012, 510/2016 e complementares o presente Parecer é favorável à aprovação do projeto.

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de  
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900  
UF: DF Município: BRASÍLIA  
Telefone: (61)3107-1592 E-mail: dep\_chs@unb.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS E SOCIAIS DA  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
UNB



Continuação do Parecer: 5.281.874

Página 05 de

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1874437.pdf	31/01/2022 22:02:19		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	31/01/2022 22:01:35	MALLU STEPHANIE DE ALMEIDA NUNES	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	31/01/2022 22:01:14	MALLU STEPHANIE DE ALMEIDA	Aceito
Outros	Nunes_Lattes.pdf	15/01/2022 11:17:41	MALLU STEPHANIE DE ALMEIDA	Aceito
Outros	Ramos_Lattes.pdf	15/01/2022 11:14:47	MALLU STEPHANIE DE ALMEIDA	Aceito
Outros	Instrumentos_Coleta_Dados.pdf	15/01/2022 11:13:48	MALLU STEPHANIE DE ALMEIDA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	CartaEncaminhamento_MalluNunes.pdf	15/01/2022 11:10:30	MALLU STEPHANIE DE ALMEIDA	Aceito
Outros	Carta_revsao_etica.pdf	15/01/2022 11:09:35	MALLU STEPHANIE DE ALMEIDA	Aceito
Outros	AceiteInstitucional.pdf	14/12/2021 16:36:37	MALLU STEPHANIE DE ALMEIDA	Aceito
Folha de Rosto	FdeRostoMallu.pdf	14/12/2021 16:35:02	MALLU STEPHANIE DE ALMEIDA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermoUtilizacaoVozImagem.doc	10/12/2021 16:06:00	MALLU STEPHANIE DE ALMEIDA NUNES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	10/12/2021 15:59:56	MALLU STEPHANIE DE ALMEIDA NUNES	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de  
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900  
UF: DF Município: BRASÍLIA  
Telefone: (61)3107-1592 E-mail: cep\_chs@unb.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS E SOCIAIS DA  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
UNB



Continuação do Parecer: 5.281.874

Página 06 de

BRASÍLIA, 09 de Março de 2022

---

**Assinado por:**  
**MARCIO CAMARGO CUNHA FILHO**  
**(Coordenador(a))**

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de  
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900  
UF: DF Município: BRASÍLIA  
Telefone: (61)3107-1592 E-mail: cep\_chs@unb.br